

A escavação de um troço da via romana *Olisipo-Scallabis* em Vila Franca de Xira

JOÃO PIMENTA¹
HENRIQUE MENDES¹

R E S U M O

Na sequência da construção do edifício do Museu do Neo-Realismo em pleno centro histórico da actual cidade de Vila Franca de Xira, foram realizadas escavações arqueológicas na área abrangida pelo projecto de arquitectura. O espaço em análise corresponde a um quarteirão localizado no cruzamento da Rua Alves Redol com a Rua Almeida Garrett. Os trabalhos realizaram-se entre 2 de Março e 11 de Abril de 2006, tendo permitido, apesar de todos os constrangimentos inerentes a uma intervenção desta natureza, uma leitura da ocupação humana deste espaço, ainda que com prolongados hiatos, desde meados do século I d.C. até ao século XX. Situada fora do primitivo núcleo medieval, a área em análise terá sido urbanizada na sequência das reformas manuelinas, que tiveram um profundo impacto na Vila Baixa e na área ribeirinha. Um dos elementos estruturais mais relevantes detectado pela intervenção do Museu do Neo-Realismo foi o de pela primeira vez se ter analisado em extensão um troço significativo da antiga “Estrada Real”. A sua escavação em área possibilitou comprovar a sua origem romana e o seu reaproveitamento com diversas fases de reparação ao longo de mais de 1500 anos. O seu abandono encontra-se bem atestado, com diversas unidades estratigráficas de roubo de pedra bem datadas de inícios do século XV, fornecendo-nos uma cronologia *ante quem* para o seu abandono.

A B S T R A C T

In the sequence of the construction of the Museum of the Neo-Realism in the historical centre of the current city of Vila Franca de Xira, we developed archaeological excavations in the area affected by the architecture project. The space in analysis corresponds to a block located in the crossing of the Alves Redol with the Almeida Garrett Street. In spite of all the constraints inherent to an intervention of this nature, the excavations allowed an interpretation of the occupation of this space, since the middle of 1st century BC until the 20th century. Situated out of the primitive medieval nucleus, the area in analysis was only urbanized in the sequence of the reforms of the 16th century that had had a deep impact in the Low Village. One of the most exceptional structural elements detected by the intervention of the Museum of the Neo-Realism was the possibility for the first time to analyse in extension a significant part of the old “Royal road”. Its intervention in area made

possible to prove its Roman origin, and its utilisation with different phases of repairing throughout more than 1500 years.

1. Introdução (razões da intervenção)

O aparecimento de vestígios de ocupação humana no decurso das obras do Museu do Neo-Realismo em pleno centro histórico de Vila Franca de Xira veio, por decisão do Instituto Português de Arqueologia (IPA), accionar os mecanismos inerentes à realização de uma intervenção arqueológica com carácter de emergência.

O espaço em análise corresponde a um quarteirão localizado no cruzamento da Rua Alves Redol com a Rua Almeida Garrett (Fig. 1), ocupando uma área aproximada de 960 m².

No dia 2 de Março de 2006 os signatários deslocaram-se ao local, com o intuito de avaliar o impacto dos trabalhos em curso no subsolo. De visita à obra, deparámo-nos com o estado avançado dos desaterros na área a intervir, que em algumas zonas atingiam já os 4 m de profundidade e com o facto, consumado, de grande parte da área estar já perturbada pela implantação dos pilares de betão.



Fig. 1 Localização da área da intervenção (1) na planta de Vila Franca de Xira.

2. Enquadramento histórico

A localização de Vila Franca de Xira a meio caminho entre as cidades de *Olisipo* e *Scallabis*, para o período romano e *Aluxbuna* (Lisboa)-*Santarin* (Santarém) em época islâmica, foi crucial para a implantação humana desde época remota.

Esta predisposição assente numa sociedade eminentemente agrícola e vocacionada para a exploração dos recursos naturais, onde o comércio terrestre e fluvial se assume como condição de vital importância à fixação e desenvolvimento da urbe, permitirá que tal não passasse ao lado do processo de conquista do território. É neste contexto que em 1147, tendo D. Afonso Henriques como monarca, se assiste à doação da dita vila de *Cira* aos cruzados ingleses como recompensa pelos serviços bélicos prestados, mas também como tentativa aglutinadora de erigir, desde logo, um “protectorado” com uma dupla função: defesa e povoamento.

A instabilidade do território à época e os prováveis altos encargos com que o rei “premiou” os cruzados ingleses levam D. Sancho em 1200 a atribuir a D. Raulino juntamente com outros flamengos a gestão deste território. Este volta a ser doado alguns anos mais tarde a D. Froila Hermiges em 1206, passando por doação à ordem do Templo em 1214 (Lucas, 2003).

Com a conquista de Santarém e Lisboa, o vale do Tejo torna-se na linha de fronteira com o Império Almorávida, assistindo-se a um esforço de povoamento e fortificação particularmente intenso nesta área. É neste contexto que devem ser enquadrados os pólos de atracção humana de Alverca, Alhandra, Vila Franca de Xira e Povos.

Pouco se sabe acerca do aglomerado antigo de Vila Franca em época medieval. A documentação disponível permite-nos apenas situá-lo numa ligeira elevação sobre o antigo ribeiro de St.^a Sofia nas imediações da antiga estrada romana. Aquela refere igualmente a existência de uma torre e de “defesas” da vila (Lucas, 2003, p. 107).

Situada fora do primitivo núcleo medieval, a área em análise terá sido urbanizada apenas na sequência das reformas manuelinas, que tiveram um profundo impacto na Vila Baixa e na área ribeirinha (Lucas, 2003, p. 111). A leitura das múltiplas ocupações humanas aqui detectadas vem corroborar esta evolução do espaço, atestando o seu carácter periférico em relação ao núcleo urbano, até, pelo menos, meados do século XVI.

O conjunto urbano alvo da presente intervenção já tinha sido demolido nos finais dos anos noventa do século passado, no âmbito da construção de um parque de estacionamento de superfície. A cartografia antiga atesta uma série de edifícios organizados em torno de um grande pátio, que parcialmente ainda se conserva.



Fig. 2 Planta antiga do local, anterior às demolições dos edifícios aí existentes.

4. Metodologia

A metodologia de trabalho que adoptámos prendeu-se directamente com o estado do sítio a intervir e com a necessidade de tentar registar toda a realidade arqueológica presente neste espaço.

As técnicas de escavação e registo dos trabalhos de campo seguiram o método de escavação e registo proposto por Philip Barker (1986) e Edward C. Harris (1989).

Face à dimensão da área a intervir, delineou-se, antes de iniciarmos os trabalhos, a implantação de uma quadrícula de 4 m de lado em todo o terreno. A sua orientação foi determinada pelo eixo da rua Almeida Garrett, ao qual é paralela a fachada do edifício do Museu do Neo-Realismo, servindo este elemento de referência de todos os registos efectuados no terreno.

A intervenção consistiu em três fases distintas e complementares:

Primeira fase:

Face ao estado avançado dos trabalhos no subsolo, optámos por realizar o registo fotográfico do estado da obra e levantamento em planta das áreas perturbadas pelos trabalhos de remoção de terras (Fig. 3).

Tendo em vista o registo de toda a ocupação deste espaço efectuou-se a limpeza manual e o desenho de todos os cortes verticais observados no local, proporcionando uma primeira leitura da estratigrafia do sítio.

Segunda fase:

Perante a informação aferida das leituras verticais dos cortes, efectuámos a abertura de quadrículas nas áreas melhores preservadas. A sua escavação permitiu, diante dos resultados



Fig. 3 Planta do edifício com a localização dos cortes visíveis no terreno; toda a área a branco já tinha sido rebaixada cerca de 2 m.

obtidos, avaliar qual o melhor método de escavação do resto do imóvel, tendo conduzido à opção de abertura em área, da parte central do edifício, que aparentemente se encontrava menos afectado pelo decurso dos trabalhos de engenharia.

Terceira fase:

Paralelamente à escavação em si, efectuou-se o devido acompanhamento de todos os trabalhos de engenharia que incidissem no subsolo.

Face à necessidade de efectuar as contenções periféricas no espaço a escavar, foi necessário acompanhar as remoções de terras entre os espaços das colunas de betão previamente implantadas no terreno. Estas estruturas ocupam grande parte da área, como se pode observar pela planta, perturbando as leituras horizontais e atingindo uma grande profundidade.

5. Descrição dos trabalhos

5.1. Sector 1

Os trabalhos iniciaram-se pela área oeste da estação, face o estado avançado das contenções periféricas dos edifícios limítrofes aí executadas. Este processo de segurança consistiu na construção de paredes moldadas em betão assentando directamente no substrato geológico.

Perante esta situação de emergência, decidiu-se efectuar a limpeza de todos os cortes a que ainda tínhamos acesso. Apesar de muito perturbada pela prévia instalação das colunas de betão, foi possível identificar uma potência estratigráfica variável de cerca de 2 m, assentando directamente sobre as margas geológicas do Jurássico.



Fig. 4 Fotografia do início dos trabalhos.



Fig. 5 Fotografia do início da limpeza dos cortes no Sector 1, quadrado A9.

No canto noroeste do edifício foi possível identificar uma sequência de ocupação bem preservada, associada a estruturas positivas relacionadas entre si. Perante os registos efectuados em corte, optou-se por avançar com a abertura de uma sondagem na área que ainda restava do quadrado A9. A sua escavação permitiu confirmar as observações efectuadas, proporcionando uma leitura horizontal da sequência de ocupação deste espaço durante cerca de 500 anos.

O primeiro momento de ocupação detectado assentava directamente sobre o substrato geológico [11]. A esta fase associamos as unidades estratigráficas [6], [7], [8] e [12]. A análise da área intervencionada não permitiu associar a estas unidades qualquer estrutura que nos elucidasse acerca do tipo de ocupação em causa. Conquanto a abundância de fauna identificada leve a sugerir estarmos perante um ambiente de despejo de lixos de cariz doméstico. A análise do espólio cerâmico, metálico e numismático exumado na UE [8] e [12] permite-nos aferir uma cronologia relativa de finais do século XV, primeira metade do século XVI².

5.2. Sector 2³

Ao efectuarmos a avaliação das áreas perturbadas pelos trabalhos de remoção de terras (Fig. 3), destacava-se no centro deste sector uma enorme vala de obra atingindo o substrato geológico, e a existência de dois grandes cortes, correspondendo a banquetes, onde ainda não tinha sido necessário retirar toda a terra.

A sua observação atenta permite reconstituir em parte a grande potência estratigráfica de cerca de 2 m aqui existente e que já tinha sido previamente retirada, na parte central do terreno.

Face aos resultados obtidos pela limpeza dos cortes, optámos por efectuar a escavação em área de todo o sector 2, tendo como objectivo analisar as estruturas que detectámos em perfil.

5.2.1. Quadrados C7, C8 – Vala de Obra

Os trabalhos neste sector incidiram num primeiro momento nos quadrados C7 e C8. Aí encontrava-se aberta uma extensa vala de obra, de aproximadamente 7 m por 3 m, atingindo os níveis geológicos. Face à necessidade urgente de colmatar este “vazio”, iniciámos a limpeza e registo dos seus cortes. Apesar de muito perturbados, estes permitiam observar como se articulavam os níveis de base mais antigos, e que cota atingiam os níveis freáticos (1,50 m).

Detectaram-se três unidades estratigráficas correspondendo a ocupações de cronologia medieval moderna (Figs. 6 e 7). A UE [8] corresponde ao nível mais antigo, de cronologia quinhentista, assentando directamente sobre os níveis de base geológicos (UE [14]).

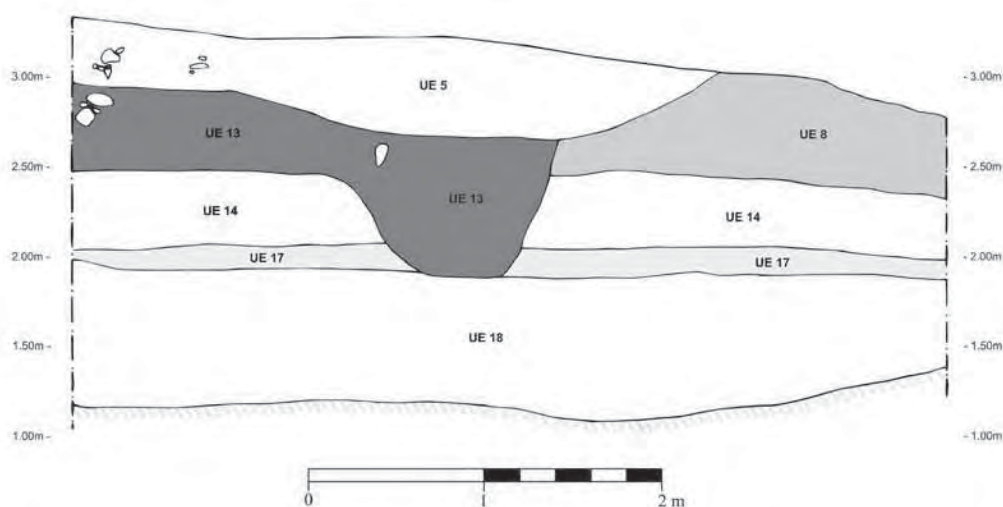


Fig. 6 Perfil Sector 2, quadrados C7-C8, Vala de Obra corte sul.

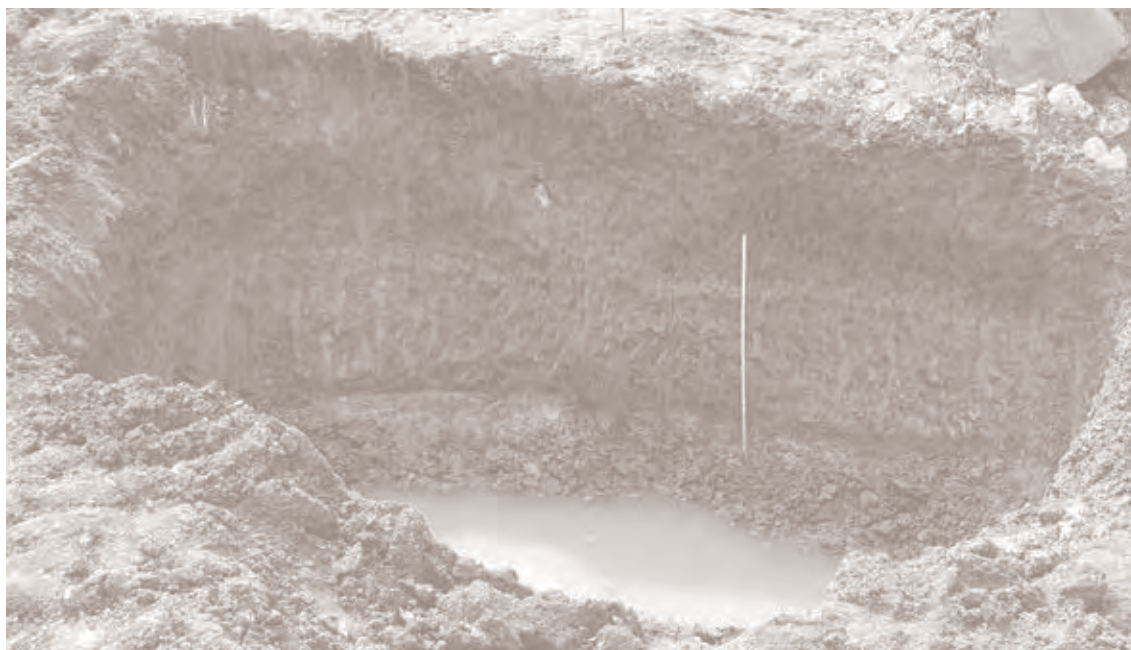


Fig. 7 Fotografia do perfil sul dos quadrados C7-C8.

5.2.2. Quadrados A5-A7 – Corte 8

Na área dos quadrados A5 a A7 era visível um amplo corte, resultante dos trabalhos de desaterro previamente efectuados no local. A sua limpeza vertical revelou uma estratigrafia bem preservada ao longo dos cerca de 10 m de extensão, e uma potência estratigráfica, alcançando na parte mais profunda 1,80 m, sem se ter atingido os níveis de base.

Apesar de extensa, a estratigrafia detectada apresentou-se relativamente simples, salientando-se a identificação na sua base de uma estrutura positiva de grande dimensão, particularmente bem preservada (Figs. 8 e 9).

Na análise da estratigrafia, importa sublinhar, antes de mais, que os níveis superiores já não se encontravam presentes, visto os trabalhos de engenharia terem removido por meios mecânicos cerca de 40 cm em toda a área da banquete. Face a esta contingência a primeira camada que detetamos é a UE [5], esta apresenta uma grande espessura atingindo cerca de 1,30 m. Os materiais que recolhemos nesta unidade permitiram-nos confirmar a formação heterogénea deste estrato ao longo do tempo, surgindo cerâmicas de época moderna, séculos XVI-XVIII, a par de faianças e fragmentos de azulejos de meados dos séculos XVII a XIX.

Sob esta grande unidade detectámos duas camadas:

A UE [44] caracteriza-se por um sedimento areno-argiloso de tom castanho amarelado. Composta por fragmentos de telhas, cerâmica comum e vidrada quinhentista, alguns nódulos de carvão e argamassa dispersos. Estendia-se por cerca de 4 m, na área que ainda pudemos observar e apresentava 80 cm de espessura não se tendo alcançado o substrato geológico.

A UE [19] corresponde a uma camada homogénea de sedimento areno-argiloso de tom castanho, composta por pedras de pequeno calibre cerâmica comum medieval e abundantes ossos e conchas. Em corte estendia-se por cerca de 4,40 m estando associada à parede UE [42] e cobrindo o pavimento UE [20] e [93]. Como pudemos posteriormente confirmar, esta unidade está directamente relacionada com o abandono/destruição deste ambiente.

Sob a UE [19], a limpeza do corte revelou uma estrutura relativamente complexa em bom estado de conservação. Após uma cuidada análise, verificámos tratar-se de um pavimento lajeado de grande dimensão. Este conservava ainda parte das lajes calcárias bem aparelhadas UE [93], assentes sobre uma cuidada preparação, constituída por um forte empedrado UE [20]. Este pavimento estava associado a uma parede, UE [42], que parecia constituir o limite desta unidade.

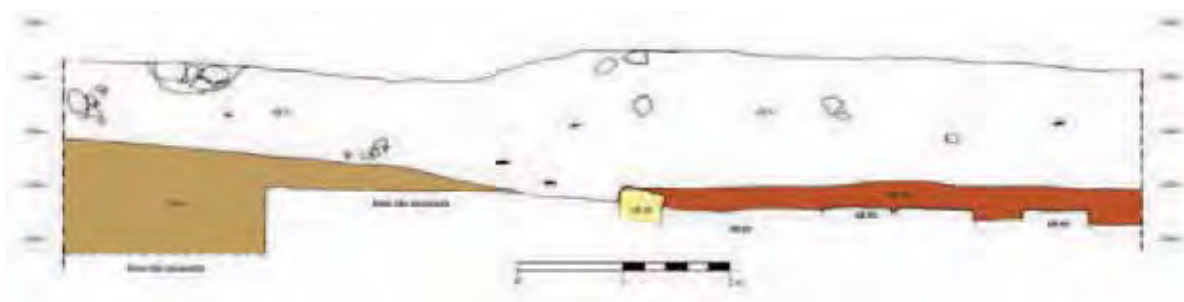


Fig. 8 Perfil Sector 2, quadrados A5-A7, corte 8.



Fig. 9 Fotografia do perfil norte dos quadrados A5-A7, corte 8.

5.2.3. *Quadrados F5-F6 – Corte 10*

Face aos dados identificados no Corte 8, incidimos a nossa atenção de imediato na banquetta ainda preservada, nos quadrados F5-F6. Tal como nos quadrados A5-A7, nesta área, tinha-se preservado parcialmente a estratigrafia, sendo visível um amplo corte de cerca 5 m de comprimento por 2 m de altura. Um dos objectivos, desta “atenção”, era verificar se a estrutura que tínhamos detectado como pavimento lajeado, se estendia em planta para esta área, como uma observação atenta do terreno nos parecia indicar. Após a limpeza e acerto do perfil, a sua análise revelou uma estratigrafia bem preservada, revelando novos dados acerca da sequência de ocupação deste espaço (Fig. 10).

Ainda que isso não seja observável no perfil desenhado, foi possível verificar que nesta área a sequência estratigráfica original se conservava:

A UE [2] e [3], correspondendo respectivamente ao pavimento de alcatrão e à sua preparação de assentamento cobriam ainda parte da banquetta sendo apenas cortadas já pela implantação de um pilar de betão UE [1].

Sob estas camadas detectou-se a UE [56], de sedimento arenoso de tom castanho acinzentado, composto por fragmentos de tijoleira, nódulos de argamassa branca e carvões dispersos. O espólio, apesar de não muito numeroso, encontra-se representado por cerâmica comum e fragmentos de faiança portuguesa azul e branco de meados do século XIX. Exumou-se ainda uma moeda de V reis de 1882 (D. Luís). Esta unidade está associada à última ocupação deste espaço, bem datada de meados do século XIX.

Sucedeu-lhe a UE [25], já identificada nos quadrados F 7/8 - Corte 9 do sector 1. Os materiais recolhidos permitem sugerir uma cronologia de meados do século XVII, inícios do século XVIII, correspondendo ao primeiro momento de ocupação aí detectado, sobre o qual se vêm a erguer uma série de estruturas positivas.

Esta UE [25] selava realidades mais recuadas bem preservadas. A UE [57] estendia-se por toda a área cobrindo o que restava do pavimento lajeado. Este nesta área apresentava-se já muito destruído, sendo apenas perceptível pelos restos do enrocamento da sua preparação em calçada, UE [57], e por parte do muro lateral UE [42]. A cronologia deste abandono não é muito clara, tendo-se no entanto recolhido cerâmicas comuns de meados do século XV.

Sob esta camada detectámos uma série de unidades estratigráficas, que relacionamos com o seu progressivo roubo para reaproveitamento de pedra. De facto, as UE [31], [58], [59] e [60] parecem ser resultado do revolvimento da calçada e do seu progressivo dismantelamento ao longo do tempo, repare-se que em corte é bem visível o nível original do pavimento e o corte deste no substrato geológico, UE [18] e [17], para a sua implantação. Infelizmente a sua posterior escavação não forneceu elementos para aferir uma cronologia mais precisa desse processo.

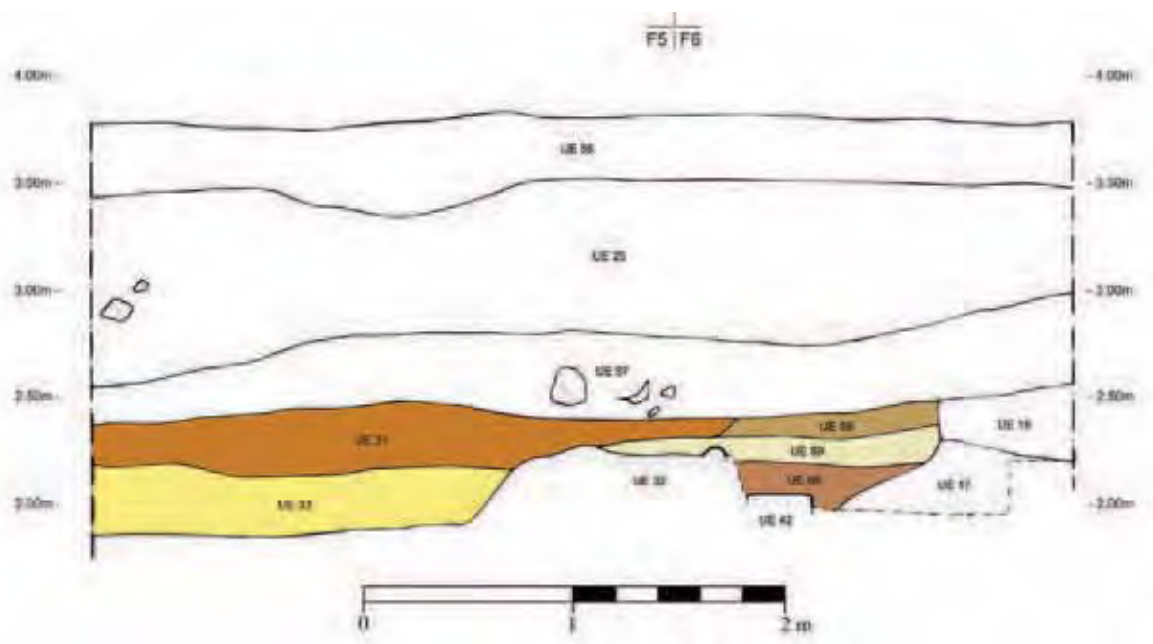


Fig. 10 Perfil Sector 2, quadrados F5-F6, corte 10.

5.2.4. Escavação em área – Sector 2

Perante estes elementos resultantes da análise dos cortes e da vala de obra, decidimos alterar a metodologia da intervenção e passar a uma escavação em área da parte central do terreno, onde, após uma breve limpeza de 5 a 10 cm, começava a surgir com grande dispersão a calçada identificada nos perfis (Fig. 11).

A escavação iniciou-se numa primeira fase no espaço entre as duas banquetes (Fig. 3), sendo em fase posterior alargada ao desmonte progressivo das mesmas. A leitura em área da estratigrafia associada a esta grande estrutura revelou-se particularmente interessante, tendo sido possível, apesar de todas as subtrações de potencial informação previamente efectuadas, estudar as suas técnicas de construção, a sua fase de utilização e progressivo abandono ao longo do tempo.

Nesta área, detectámos a seguinte sequência estratigráfica:



Fig. 11 Pormenor do decorrer do início da escavação em área do Sector 2.

- [UE 1] - Pilares de betão. Previamente implantados no terreno para a infra-estrutura do edifício a construir. Corta a UE [18], [20], [31], [32], [34], [43] e [89].
- [UE 2] - Pavimento de alcatrão.
- [UE 3] - Camada essencialmente composta por gravilha calcária de pequeno-médio calibre e areão de rio de tom castanho-claro. Preparação de assentamento do pavimento de alcatrão UE 2.
- [UE 5] - Camada areno-argilosa de tom castanho-escuro. Grão fino, medianamente compacto. Composta por nódulos de carvão dispersos, argamassas amarelas, fragmentos de telhas de canudo e pedras de pequeno calibre. Cerâmica comum e faianças. Encosta à UE [10].
- [UE 8] - Camada areno-argilosa de tom castanho-escuro. Grão fino, medianamente compacto. Composta por nódulos de carvões dispersos, fragmentos de telhas de canudo e pedras de pequeno calibre. Cerâmica comum medieval/moderna e ossos. Cortada pela UE [9], cobre a UE [11] e [12].
- [UE 10] - Estrutura pétrea constituída por blocos calcários de médio e grande calibre, unidos por um ligante de argamassa rica em cal. Embasamento de muro da fachada do edifício virado à Rua Almeida Garrett, anterior ao parque de estacionamento. Cortada pela UE [1] e [4]. Cobre a UE [5].

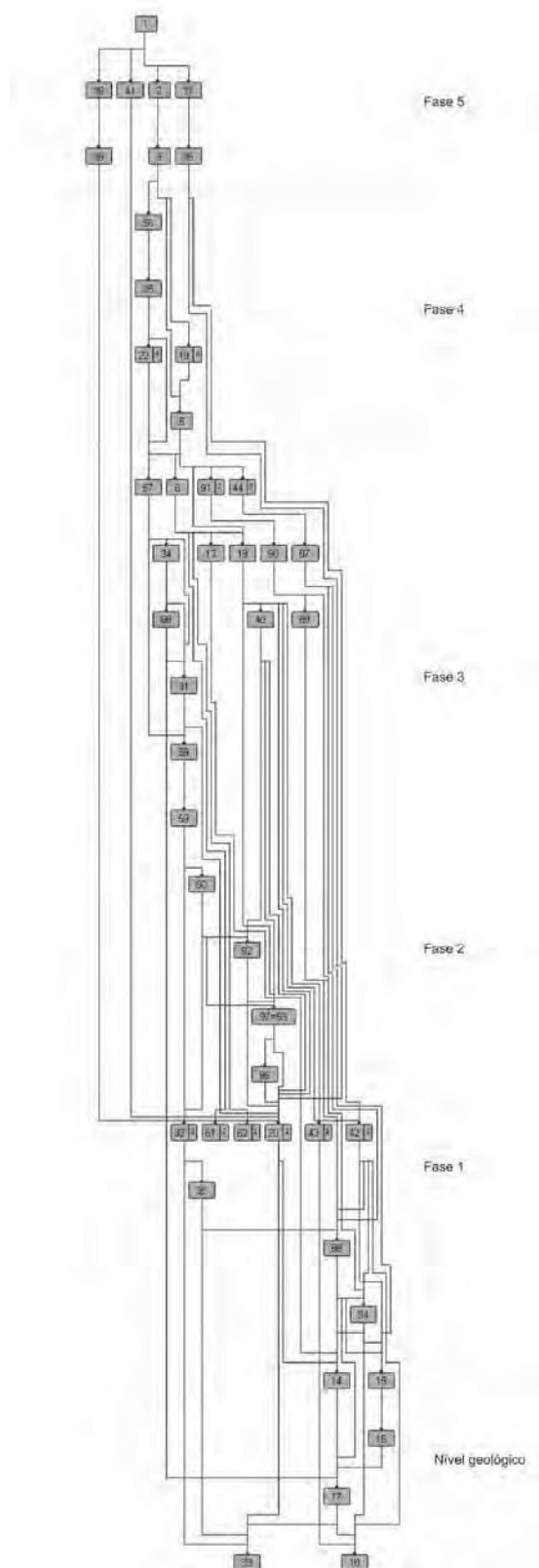


Fig. 12 Matriz do Sector 2.

- [UE 13] - Camada argilosa de tom castanho amarelado. Grão fino, medianamente compacto. Composta por elementos pétreos de pequeno médio calibre e nódulos de margas amarelas. Corta a UE [8] e [14].
- [UE 14] - Camada geológica de sedimento argiloso e tom castanho-escuro. Grão fino, medianamente compacto. Composta por blocos calcários de pequeno calibre. Cobre a UE [17].
- [UE 15] - Camada geológica, essencialmente composta por areão de tom castanho-claro. Grão fino, medianamente solto. Composta por pequenos seixos e conchas fragmentadas de pequena dimensão.
- [UE 16] - Camada geológica de sedimento argiloso de tom castanho muito escuro. Grão fino, muito compacto. Margas. Cobre a UE [17].
- [UE 17] - Camada geológica, essencialmente composta por margas de tom castanho-amarelado. Grão fino, medianamente compacto. Cobre a UE [18].
- [UE 18] - Camada geológica, essencialmente composta por margas muito compactas, de tom cinzento-esverdeado.
- [UE 19] - Camada areno-argilosa de tom castanho. Grão fino, medianamente compacto e homogéneo. Composta por pedras de pequeno calibre, cerâmica comum medieval, ossos e conchas. Preenche a vala UE [40] e cobre a UE [20] e [93].
- [UE 20] - Camada essencialmente composta pedras calcárias de pequeno médio e grande calibre tendo como elemento ligante argila de tom castanho. Camada similar à UE [32], [61] e [62]. Calçada de preparação para assentamento das lajes UE [93], [97] da estrada. Assenta sobre o substrato geológico UE [17] e [18].
- [UE 21] - Camada argilo-arenosa de tom castanho-amarelado. Grão fino, medianamente compacto. Composta por pedras de pequeno calibre, nódulos de argamassa amarela e cerâmica comum. Nível de destruição da UE [22].
- [UE 22] - Estrutura pétrea constituída por blocos calcários de médio e grande calibre, unidos por um ligante de argamassa amarela, rica em areia do rio e cal. Embasamento de muro. Coberta pela UE [57].
- [UE 25] - Camada arenosa de tom castanho-acinzentado. Grão fino, medianamente compacto. Composta por pedras de pequeno calibre, nódulos de argamassa branca e carvões dispersos. Ossos, cerâmica comum e faianças de meados do século XVII, inícios do século XVIII. Coberta pela UE [56].
- [UE 31] - Camada areno-argilosa de tom castanho-escuro. Grão fino, medianamente compacto. Composta por pedras de pequeno calibre, nódulos de carvão dispersos, cerâmica comum quinhentista e ossos. Interface de roubo de pedra; corta a UE [61], [62] e [32].

[UE 32] - Camada essencialmente composta pedras calcárias de pequeno, médio e grande calibre, tendo como elemento ligante argila de tom castanho. Camada similar à UE [20], [61] e [62]. Calçada de preparação para assentamento das lajes da estrada, UE [93], [97]. Assenta sobre o substrato geológico UE [18] e [33].

[UE 33] - Camada geológica, essencialmente composta por areão fino, medianamente solto, algumas pedras de pequeno calibre e argila amarela.

[UE 34] - Camada argilosa de tom castanho acinzentado. Grão fino, medianamente compacto. Composta por pedras de pequeno calibre, nódulos de carvão, cerâmica comum quinhentista e ossos. Preenche a UE [68].

[UE 35] - Camada areno-argilosa de tom castanho-escuro. Grão fino, medianamente compacto. Composta por pedras de pequeno calibre, nódulos de carvão e de argamassa branca. Camada de preparação para assentamento da UE [62]. Cortada pela UE [31] e UE [36].

[UE 36] - Vala de obra aberta pela máquina. Corta a calçada UE [32], [61] e [62] e os muros laterais UE [42] e UE [43].

[UE 37] - Camada argilosa de tom castanho acinzentado. Grão médio, medianamente compacto. Composta por pedras de pequeno e médio calibre. Preenche a vala UE [36].

[UE 38] - Vala de obra aberta pela máquina. Corta a calçada UE [20] e o muro lateral UE [43].

[UE 39] - Camada argilosa de tom castanho. Grão médio/fino, medianamente compacto. Composta por pedras de pequeno e médio calibre, material de construção e cerâmica comum. Preenche a vala UE [38].

[UE 40] - Vala paralela ao muro UE [42]. Corresponde à interface de roubo de pedra da UE [20], [42], [42], [93] e [97]. É coberta pela UE [19].

[UE 41] - Camada argilosa de tom castanho. Grão médio/fino, medianamente compacto. Composta por pedras de pequeno e médio calibre, material de construção e cerâmica comum. Corta a UE [20] e é cortado pela UE [1].

[UE 42] - Estrutura constituída por blocos calcários de grande dimensão toscamente afeiçãoados, unidos por ligante de argila de tom castanho-escuro. Muro de contenção/limite da estrada. Cobre a UE [94] e [18]. É cortado pela UE [36].

[UE 43] - Estrutura constituída por blocos calcários de grande dimensão, toscamente afeiçãoados, unidos por ligante de argila de tom castanho-escuro. Muro de contenção/limite da estrada. Cobre a UE [18] e [33]. É cortado pela UE [1] e [36].

[UE 44] - Camada areno-argilosa de tom castanho-amarelado. Grão fino, medianamente compacto. Composta por fragmentos de telhas, cerâmica comum e vidrada quinhentista, alguns nódulos de carvão e argamassa dispersos. Contemporânea da UE [91], cobre a vala UE [87].

- [UE 56] - Camada arenosa de tom castanho-acinzentado. Grão fino, medianamente compacto. Composta por fragmentos de tijoleira, nódulos de argamassa branca, cerâmica comum e fragmentos de faiança portuguesa azul e branco de meados do século XIX. Exumou-se uma moeda de V Reis de 1882 (D. Luís). Cobre a UE [25].
- [UE 57] - Camada arenosa de tom castanho-acinzentado. Grão fino, medianamente compacto. Composta por nódulos de carvão dispersos, cerâmica comum quinhentista, pedras de pequeno calibre e ossos. Cobre a UE [31], [58] e [18].
- [UE 58] - Camada areno-argilosa de tom castanho-avermelhado. Grão fino, medianamente compacto. Composta por pedras de pequeno calibre e algumas conchas. Cobre a UE [59]. É cortado pela UE [31].
- [UE 59] - Camada areno-argilosa de tom castanho. Grão fino, medianamente compacto. Composta por nódulos de carvão, argila e fragmentos de bojos de cerâmica comum medieval. Cobre a UE [32] e [60]. É cortado pela UE [31].
- [UE 60] - Camada argilosa de tom castanho-avermelhado. Grão fino, medianamente compacto. Muito homogênea e estéril em material arqueológico. Cobre a UE [32] e [60]. É cortado pela UE [31].
- [UE 61] - Camada essencialmente composta por pedras calcárias de pequeno, médio e grande calibre, tendo como elemento ligante argila de tom castanho. Camada similar à UE [20], [32]. Parece corresponder a uma reparação da UE [62]. Calçada de preparação para assentamento das lajes UE [93], [97] da estrada. Cobre a UE [62].
- [UE 62] - Camada essencialmente composta por pedras calcárias de médio e grande calibre, tendo como elemento ligante argila de tom castanho. Camada similar à UE [20], [32] e [61]. Calçada de preparação para assentamento das lajes UE [93], [97] da estrada. Assenta sobre o substrato geológico UE [18] e [33].
- [UE 68] - Estrutura negativa de planta semicircular. Corta a UE [17], [18], [31], [32] e [42]. É preenchida pela UE [34].
- [UE 87] - Estrutura negativa de planta rectangular de extremos arredondados, paralela à estrada. Corta a UE [89] e [15]. É preenchida pela UE [88] e cortada pela UE [1].
- [UE 88] - Camada argilosa de tom castanho-amarelado. Grão fino, medianamente compacto. Composta por pedras de pequeno calibre, cerâmica comum romana e ânforas. Cobre a UE [87].
- [UE 89] - Camada areno-argilosa de tom castanho-acinzentado. Grão fino, medianamente compacto. Composta por pedras de pequeno calibre, cerâmica comum e carvões dispersos. Corta a UE [87] e a [15].

[UE 90] - Estrutura negativa de planta semicircular que corta a UE [88]. Coberta pela UE [91].

[UE 91] - Camada argilo-arenosa de tom castanho-escuro. Grão fino, medianamente compacto. Composta por pedras de pequeno calibre, nódulos de carvões, cerâmica comum quinhentista e ossos. Preenche a UE [90].

[UE 92] - Camada argilo-arenosa de tom castanho-amarelado. Grão médio/fino, compacto. Camada essencialmente composta por saibro batido e por algumas pedras calcárias de médio calibre. Corresponde a uma reparação da estrada; cobre a UE [20] e [97].

[UE 93] - Camada essencialmente composta por lajes calcárias de grande dimensão, bem preservadas. Assenta sobre a UE [20]. Pavimento original da estrada. Similar à UE [97].

[UE 94] - Camada de sedimento argilo-arenoso de tom castanho-amarelado. Grão fino, medianamente compacto. Composta por pedras calcárias de pequeno médio calibre, cerâmica comum e fragmentos de ânforas romanas. Cortada pela UE [91]. Estende-se sob a UE [42].

[UE 96] - Camada areno-argilosa de tom castanho-escuro. Grão fino, medianamente compacto. Composta por pedras de pequeno e médio calibre e alguns fragmentos de cerâmica comum romana. Surge sob a UE [97]. Cobre a UE [20].

[UE 97] - Camada essencialmente composta por lajes calcárias de grande dimensão, bem preservadas. Assenta sobre a UE [20]. Pavimento original da estrada. Similar à UE [93].

O estudo da estratigrafia e das estruturas identificadas permite-nos distinguir cinco grandes fases para este sector.

Fase 1

Corresponde ao primeiro momento de ocupação detectado, assentando directamente sobre o substrato geológico silto-argiloso UE [18], [17] e [33], que representam a unidade jurássica do Kimeridjiano recobertos em algumas zonas por depósitos aluvionares, UE [15]. A análise de todos os dados recolhidos e a necessidade de efectuar o levantamento das estruturas permite-nos reconstituir com alguma segurança esta primeira apropriação do espaço pelo Homem.

Sobre os níveis geológicos detectou-se uma imponente estrutura pétrea de cuidada construção, que, apesar de já muito perturbada, conseguiu-se identificar em toda a área intervencionada atravessando transversalmente no sentido Sudoeste-Nordeste, o espaço do edifício do Museu do Neo-Realismo (Figs. 13 e 38).

A escavação em área deste espaço permite interpretar esta estrutura como um troço de uma antiga estrada lajeada, delimitada por muros laterais bem construídos e apresentando ainda 5,20 m de largura e 20 m de comprimento (Figs. 14 e 15).

Para a sua implantação o substrato geológico foi regularizado, e nalgumas áreas como no corte 10 (Fig. 10), foram abertas valas numa zona em que a sua cota era mais elevada. Sobre esta preparação foi edificado aquilo que interpretamos como a infra-estrutura desta estrada. Esse



Fig. 13 Planta geral da área intervencionada.



Fig. 14 Vista geral da área intervencionada.



Fig. 15 Vista geral dos trabalhos de escavação e registo.



Fig. 16 Fotografia do muro lateral UE [42] no quadrado F6.

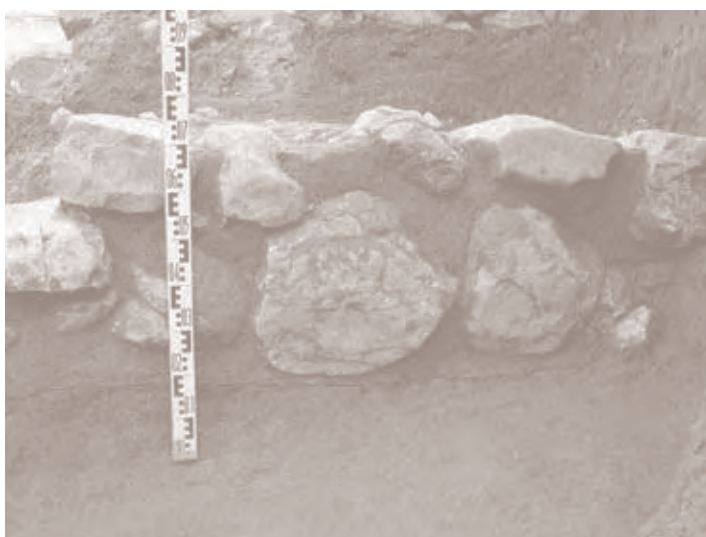


Fig. 17 Fotografia de pormenor de construção do alçado da UE [42] no quadrado F6.

“alicerce” é composto por dois muros paralelos, UE [42] e UE [43] e por uma calçada, UE [20], [32], [61] e [62], de preparação para assentamento do pavimento em lajes.

Os muros detectados, UE [42] e UE [43], correspondem a estruturas de contenção limites do pavimento original da via (Figs. 16 e 17). Estes foram edificados nos níveis geológicos e em parte, no quadrado A6, sobre um nível de enrocamento. O muro UE [43], que constituía o limite a noroeste, encontrava-se muito perturbado pelas valas da obra, tendo sido apenas possível identificar em algumas zonas a sua última fiada de pedras. Era composto por grandes blocos de calcário, medindo num dos casos no quadrado C5, 60/50 cm. O muro UE [42] conservava-se em melhor estado, tendo sido possível, à excepção da zona da vala de obra no quadrado C6, identificá-lo em toda a sua extensão. Apresentava ainda algumas fiadas de pedra, tendo sido possível efectuar o desenho dos seus alçados (Figs. 18 e 19). Era composto por uma primeira fiada de blocos calcários

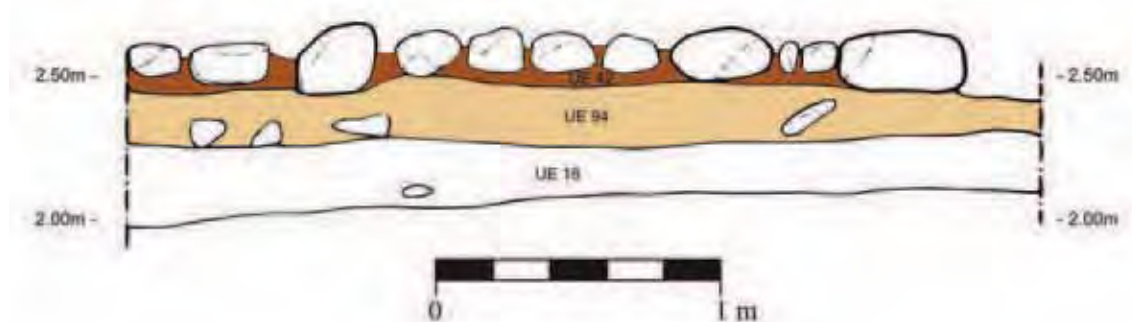


Fig. 18 Sector 2, quadrados A6, alçado UE [42].



Fig. 19 Sector 2, quadrados F6, alçado UE [42].

de grande dimensão toscamente afeiçãoados e sobre esta assentava outro nível igualmente de pedras calcárias de média dimensão, que já fazia ligação com a calçada. O ligante era um sedimento argiloso de tom castanho-escuro, com pedras de pequeno calibre.

O espaço entre os dois muros, apesar de evidenciar estados de conservação desiguais, apresentava-se preenchido por um forte embasamento de blocos irregulares de calcário e arenito unidos por argila, UE [20], [32], [61] e [62]. Estas unidades correspondem a uma calçada homogênea muito compacta conservando ainda em algumas zonas duas fiadas de pedras sobrepostas, UE [61] e [62], não sendo claro se estamos perante uma solução pontual de reforço ou perante uma repavimentação da área (Fig. 20). A análise da estratigrafia permite-nos concluir que esta calçada não corresponderia ao pavimento original da estrada, mas antes ao alicerce de preparação para assentamento das grandes lajes que a cobririam. Este facto é evidente ao analisarmos a superfície da calçada, que ainda conservava as arestas irregulares, não evidenciando qualquer desgaste, ao contrário das lajes preservadas *in situ*.

Uma das questões que fica em aberto em relação à calçada é a dos seus limites a nordeste. Embora parcialmente estes confinem com o muro UE [43], identificou-se uma continuação da UE [32], nos quadrados C5, C4, B5 e B4, não sendo claro qual o seu significado, visto que esta área estava já muito perturbada. Podemos no entanto estar perante um reforço da própria via, ou face o embasamento de alguma estrutura paralela à mesma.

Sobre estes níveis de preparação, assentava o pavimento original da estrada em lajes de grande dimensão UE [93] e [97] (Figs. 21 e 22). Apesar de, como iremos ver mais à frente, este ter sido



Fig. 20 Fotografia de pormenor de sobreposição de calçadas.

progressivamente roubado, desde a Idade Média em quase toda a sua extensão, foi ainda possível identificar um troço bem preservado *in situ*, nos quadrados A6 e A5. Este pavimento é constituído por lajes calcárias de grande dimensão⁴ e formato irregular dispostas entre si com o claro objectivo de configurar maior solidez à estrutura. O seu ligante é de sedimento argiloso de tom castanho-escuro. A sua superfície apresenta-se polida evidenciando desgaste causado pelo uso ao longo dos séculos.

Embora as lajes assentem directamente sobre a UE [20], ao levantar a UE [97], identificou-se numa pequena área uma camada de preparação de sedimento argilo-arenoso de tom castanho-escuro, UE [96]. A sua escavação, embora não seja de todo conclusiva, no que diz respeito à sua cronologia, permitiu exumar dois fragmentos de bojos de ânforas de produção lusitana.

A escavação da área paralela ao muro limite da via UE [42], permitiu detectar unidades estratigráficas preservadas correlacionadas com a fase de construção da estrada. Após remover-se a UE [44], de cronologia quinhentista, que, como vimos na descrição do Corte 8 (Fig. 8), cobria esta área, verificámos que surgiam diversas realidades.

Nos quadrados B7-B6, a UE [44] assentava parcialmente sobre o substrato geológico, UE [15], e sobre uma camada areno-argilosa de tom castanho-acinzentado, UE [89] de pouca espessura. Esta unidade forneceu pouco espólio sendo apenas possível através da análise das cerâmicas recolhidas aferir-lhe uma cronologia relativa do período medieval. Sob esta unidade e cortando a UE [15], detectou-se uma estrutura negativa de planta aproximadamente rectangular de extremos arredondados, medindo 3,20 m de comprimento por 70 cm de largura. O seu interior estava preenchido pela UE [88], que se caracterizava por um sedimento argiloso de tom castanho-amarelado, sendo composta por pedras calcárias e arenitos de pequeno e médio calibre.

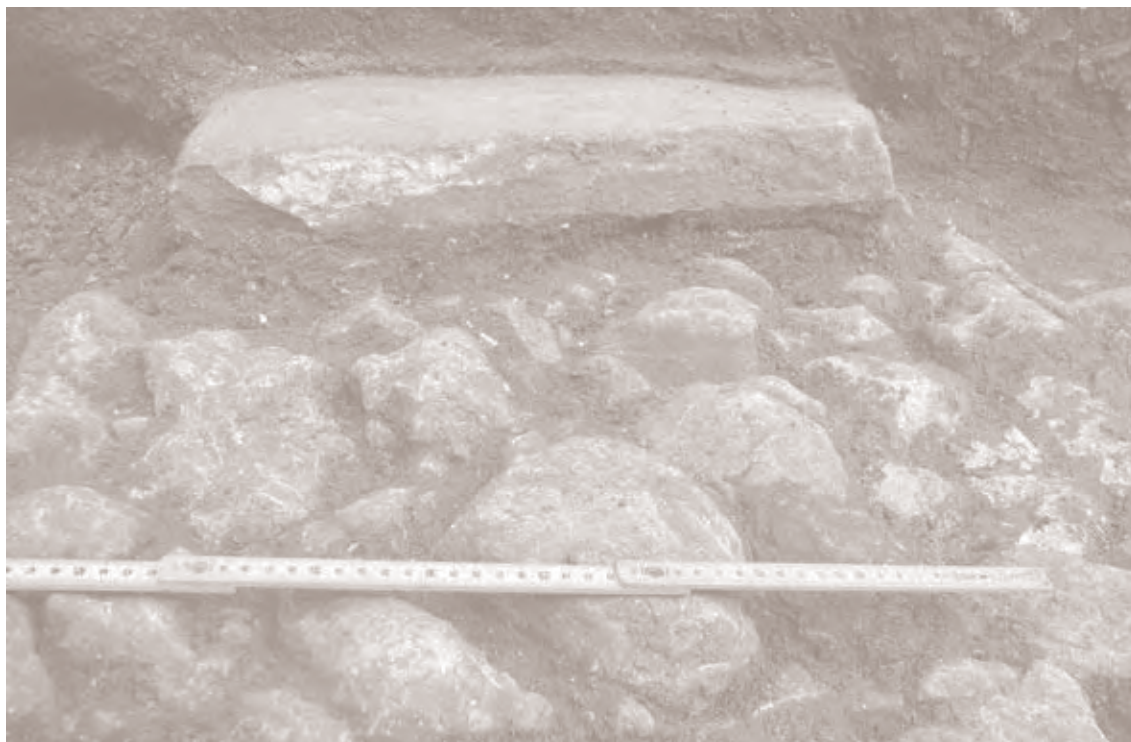


Fig. 21 Fotografia de pormenor de assentamento do pavimento lajeado UE [93].

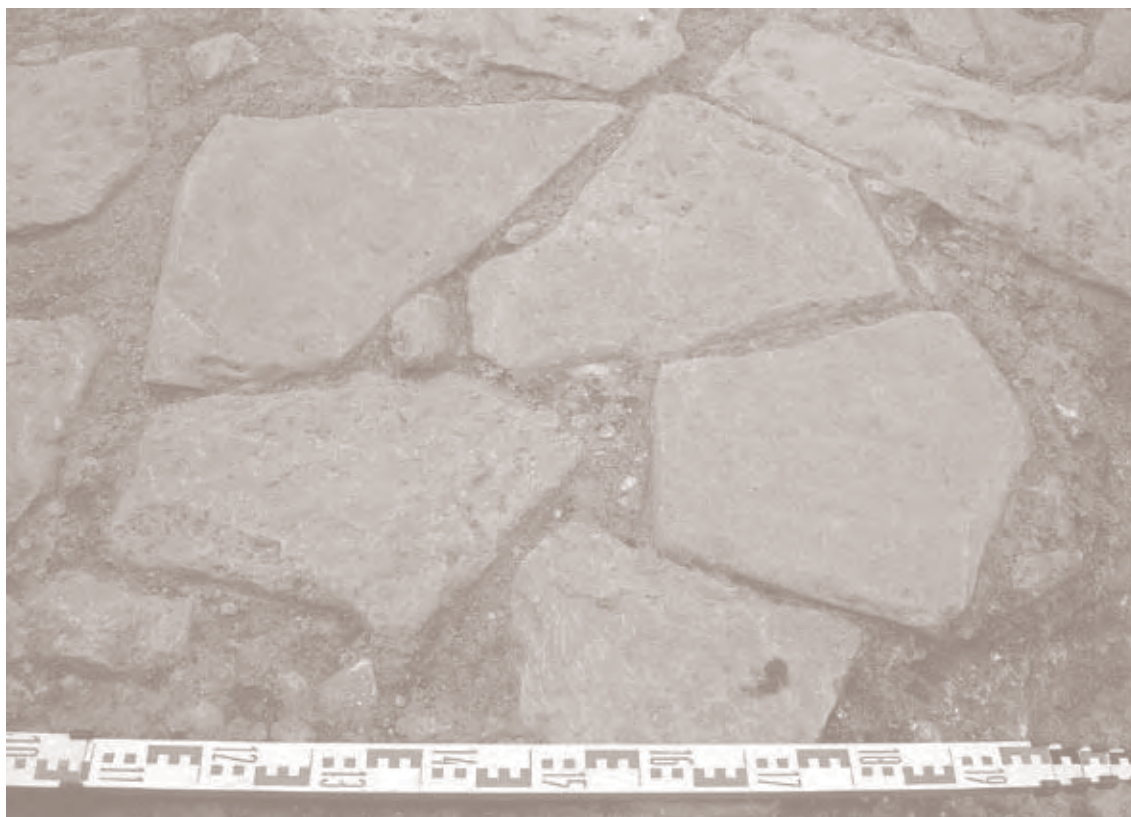


Fig. 22 Fotografia de pormenor do pavimento lajeado UE [93].

O espólio recolhido era essencialmente cerâmico, tendo sido exumado um fragmento de tijoleira rectangular, bojos de cerâmica comum romana e fragmentos de ânforas bem preservadas. Entre estas, destacam-se diversos fragmentos com colagem, permitindo reconstituir a parte superior de uma ânfora do tipo Dressel 7/11, importada do Sul da *Baetica*, e parte do ombro e colo com arranque de asa de uma ânfora de preparados de peixe lusitana, provavelmente do tipo Dressel 14, proveniente dos vales do Tejo/Sado (Fig. 23, n.º 1).

A análise do espólio recolhido e em especial o estudo das ânforas romanas permitem-nos aferir uma cronologia segura de meados do século I d.C. para a formação deste depósito.

Nos quadrados A7-A6, após removermos a UE [44], surgiu uma camada homogénea argilo-arenosa de tom castanho amarelado, UE [94]. Esta encontrava-se cortada pela UE [89] e por uma estrutura negativa de cronologia quinhentista UE [90]. Composta por grande quantidade de pedras calcárias de pequeno e médio calibre, a escavação da UE [94], levou-nos a interpretá-la como um nível de enrocamento para a construção do muro limite UE [42], o qual encosta e sobrepõe-se a esta unidade. O facto de apenas no quadrado A6 termos detectado este nível de preparação, poderá estar relacionado com o tipo de substrato geológico, que aqui é muito mais arenoso, UE [15].

A análise do espólio da UE [94], apesar de não muito numeroso permite aferir-lhe uma cronologia romana. As cerâmicas estão no entanto resumidas a pequenos fragmentos na sua maioria em mau estado de conservação, face terem estado em contacto com os níveis freáticos que aqui já começam a aflorar. Um dos poucos elementos que fornece cronologia relativa é o conjunto de ânforas. Recolheram-se diversos bojos de produção lusitana e bética, assim como um fragmento de colo com arranque de asa de uma ânfora Dressel 7/11, importada do Sul peninsular. A análise mais atenta do conjunto veio permitir-nos efectuar a colagem desta asa com a ânfora do mesmo tipo recolhida na UE [88].

Face à análise dos dados estratigráficos e embora tenhamos presente a fragilidade dos mesmos, propomos uma cronologia contemporânea para estes dois contextos que a nosso ver se podem relacionar directamente com a construção da estrada. A UE [94] está directamente correlacionada com esta e a estrutura negativa de tipo fossa UE [87] e o seu enchimento UE [88], apresentam-se paralelos ao muro lateral da via sendo aparentemente seus contemporâneos, sublinhe-se que o espólio dos dois contextos apresenta colagem entre si. Teríamos assim uma proposta de construção para a estrada centrada em meados da primeira metade do século I d.C.

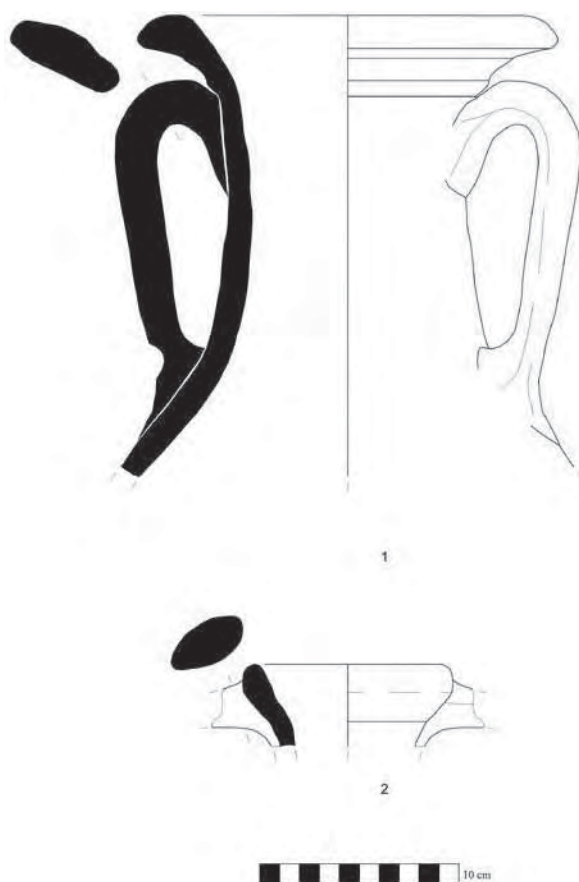


Fig. 23 Ânfora Dressel 7/11 da UE [88] e ânfora Almagro 51C da UE [77].

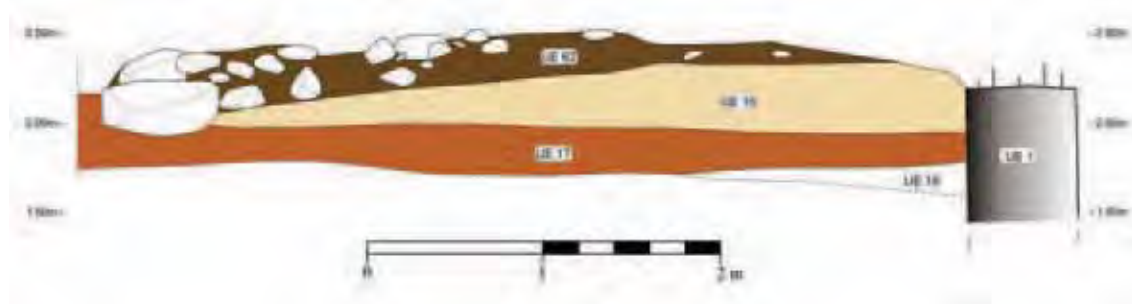


Fig. 24 Corte transversal à estrada no Sector 2, quadrados B6-B5, perfil sul. Sendo visível o seu perfil abaulado sobre o qual assentariam as lajes.

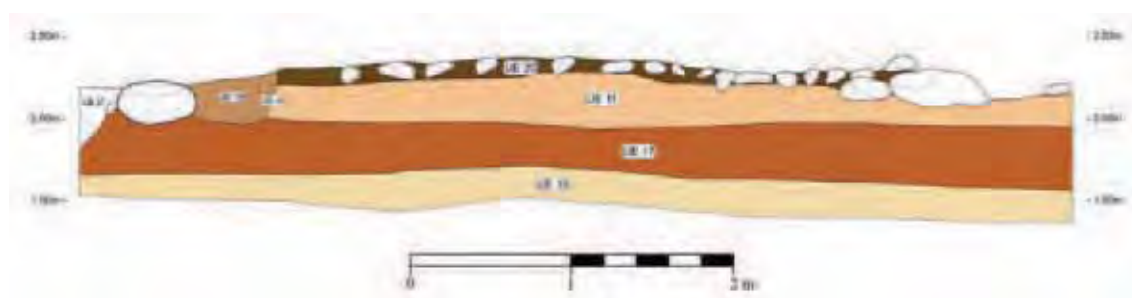


Fig. 25 Corte transversal à estrada no Sector 2, quadrados D6-D5, perfil sul.

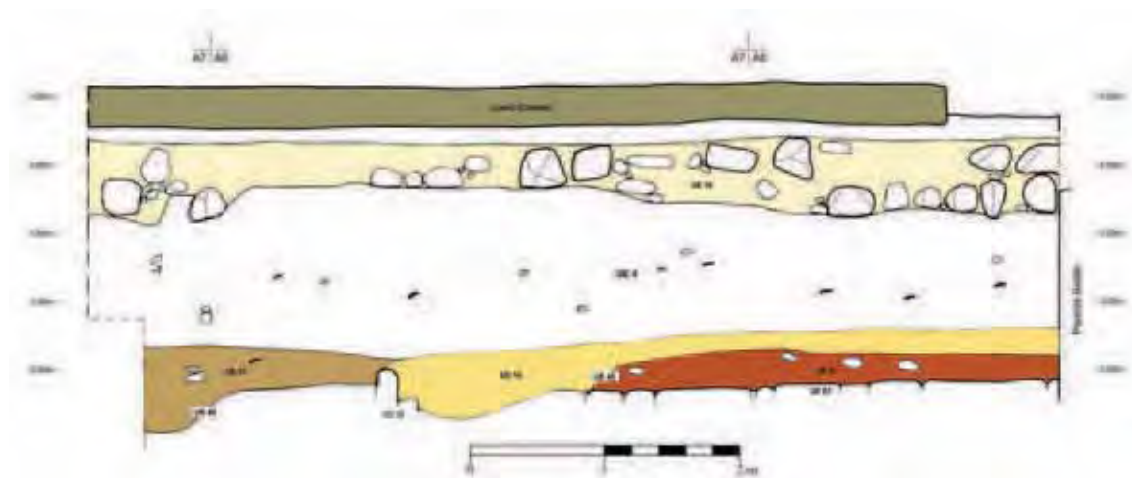


Fig. 26 Sector 2, quadrados A5-6-7, perfil norte.

Fase 2

Individualizámos como fase 2 uma reparação do pavimento da estrada registada no quadrado A6-A5. Aí, sob os níveis de abandono/destruição da estrada, UE [19], surgiu uma camada de sedimento argilo-arenoso de tom castanho-amarelado, UE [92], essencialmente composta por saibro batido e por algumas pedras calcárias de médio calibre (Fig. 26). A sua superfície apresentava-se muito compactada ao nível da UE [93], à qual encostava (Fig. 27).

A escavação desta unidade, permite interpretá-la como uma reparação do pavimento da estrada, visto que cobria directamente um troço mais abatido das lajes, UE [97], e numa área onde

esta já não se preservava por algum motivo assentava sobre a calçada, UE [20]. A cronologia desta reparação é difícil de aferir, visto que a cuidada escavação desta camada não forneceu qualquer espólio.



Fig. 27 Escavação dos quadrados A5-6-7, sendo visível o muro lateral da estrada, o pavimento lajeado e os níveis de reparação UE [92].



Fig. 28 Pormenor dos quadrados A5-6-7, após a remoção dos níveis de reparação UE 92. É visível um troço mais abatido do pavimento lajeado.

Fase 3

Agrupamos nesta fase diversas unidades estratigráficas de época medieval e moderna que atribuímos à fase de progressivo abandono e destruição da estrada. O desenrolar da escavação em área do sector 2 permitiu identificar e escavar diversos contextos que apesar de não terem correlação directa parecem pertencer a um mesmo momento, em que a estrada é lentamente desmantelada.

Destaca-se entre estes “interfaces de destruição”, uma grande vala paralela ao muro limite da estrada, UE [42], nos quadrados A6 e B6. Esta estrutura negativa, UE [40], foi possível de registar ao longo de cerca 8 m, desenvolvendo-se para fora dos limites da escavação sob a actual Rua Almeida Garrett. A sua construção corta em parte o muro, UE [42], assim como os níveis de pavimento e preparação da estrada UE [20], [93], [96] e [97] (Figs. 13 e 29).

O seu interior, de perfil semicircular, encontrava-se preenchido pela UE [19]. Esta camada caracteriza-se por abundantes restos de fauna de grandes mamíferos, aves e conchas assim como diverso espólio cerâmico. Entre este destaca-se uma característica panela medie-



Fig. 29 Fotografia de escavação da vala UE [40].

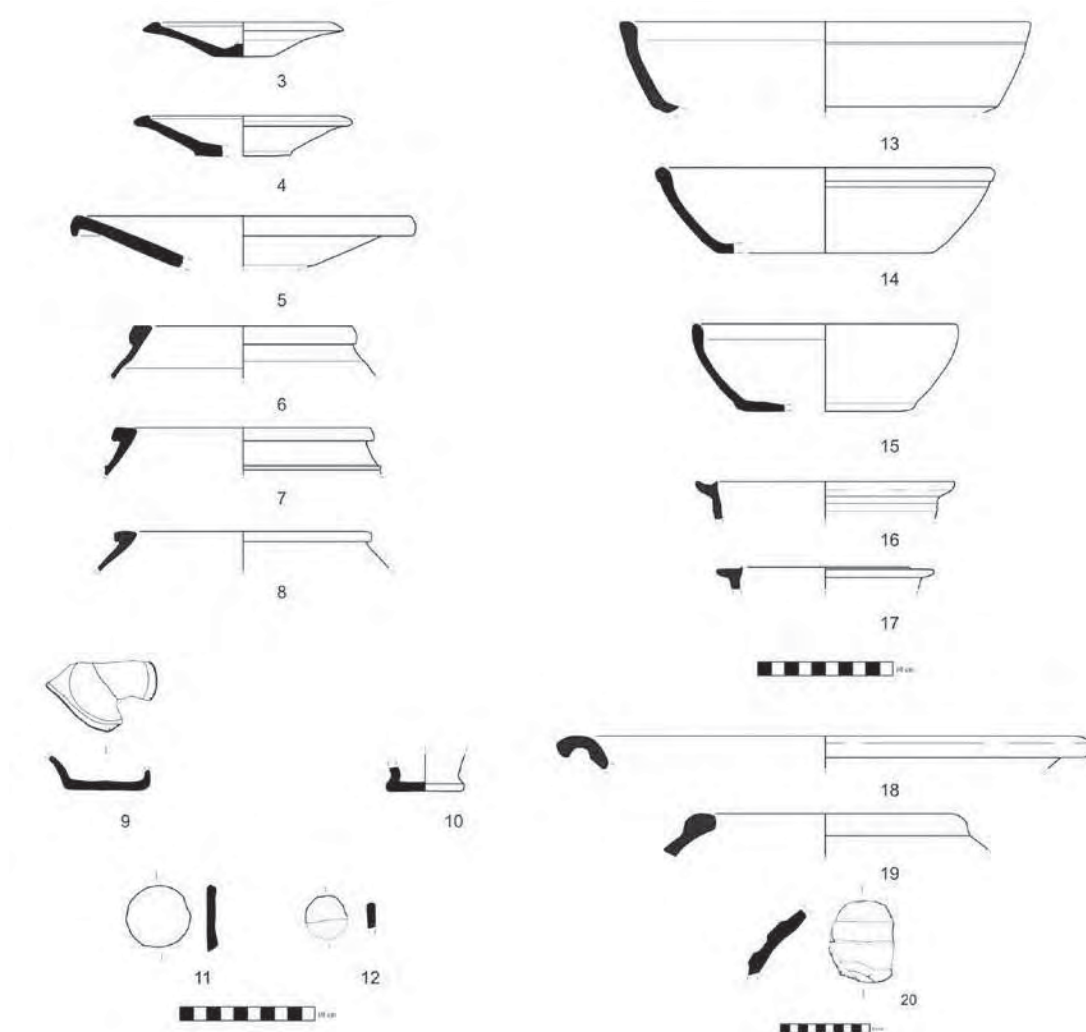


Fig. 30 Cerâmica comum medieval da UE [19].

val de bordo recto (Tipo 1 de Gaspar e Clementino, 1997), encontrada completa, virada ao contrário no topo desta camada.

O estudo do conjunto cerâmico permite sublinhar que este é constituído, à excepção de dois fragmentos de vidro melado, exclusivamente por cerâmicas comuns. Estas estão representadas por panelas de bordo recto com uma e duas asas, testos com e sem barbela, malgas de lábio simples, um alguidar, uma infusa brunida, talhas, malhas de jogo e fragmentos de duas candeias (Figs. 30 e 31).

Este conjunto apresenta estreitos paralelos com as serviços de cozinha e mesa de meados do século XV da cidade de Lisboa (Gaspar e Amaro, 1997) e Almada (Sabrosa, 1992, 1994). O espólio numismático é constituído por 3 moedas, sendo uma delas possivelmente um ceitil. Infelizmente a sua correcta classificação só é possível após o seu adequado tratamento e limpeza que ainda não foi possível de efectuar.

Nos quadrados D6, D5 sob os níveis revolvidos pelos trabalhos das máquinas detectamos uma camada que interpretamos como interface de roubo de pedra, cortando a UE [35], [61], [62] e [32]. Esta unidade estratigráfica apresentava sedimento areno-argilosa de tom castanho-escuro

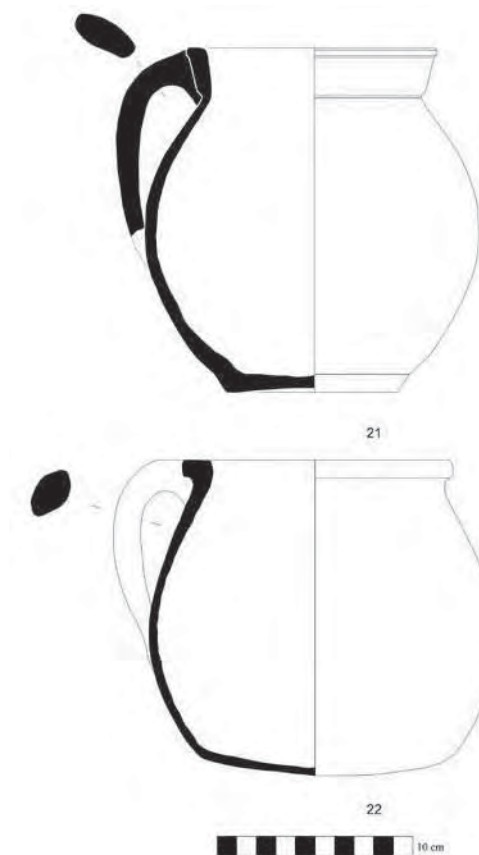


Fig. 31 Cerâmica comum medieval da UE [19].

sendo composta por pedras de pequeno calibre, nódulos de carvão dispersos, cerâmica e ossos (UE [31]).

O espólio é similar ao exumado na UE [19], devendo corresponder a um momento contemporâneo. O conjunto cerâmico é composto por um grande bordo de talha, uma panela de bordo recto, testos com e sem barbela, um fragmento de prato de pé em argola, dois bordos de tachos carenados, um bordo de cântaro e um bordo de malga vidrada a amarelo (Fig. 32).

O espólio numismático é constituído por duas moedas, possivelmente um dinheiro e um ceitil. Identificou-se ainda uma fíbula de bronze.

No quadrado D6 e F6, foi possível identificar uma estrutura negativa UE [68], aberta no substrato geológico, UE [18]. Esta corta o muro limite da estrada

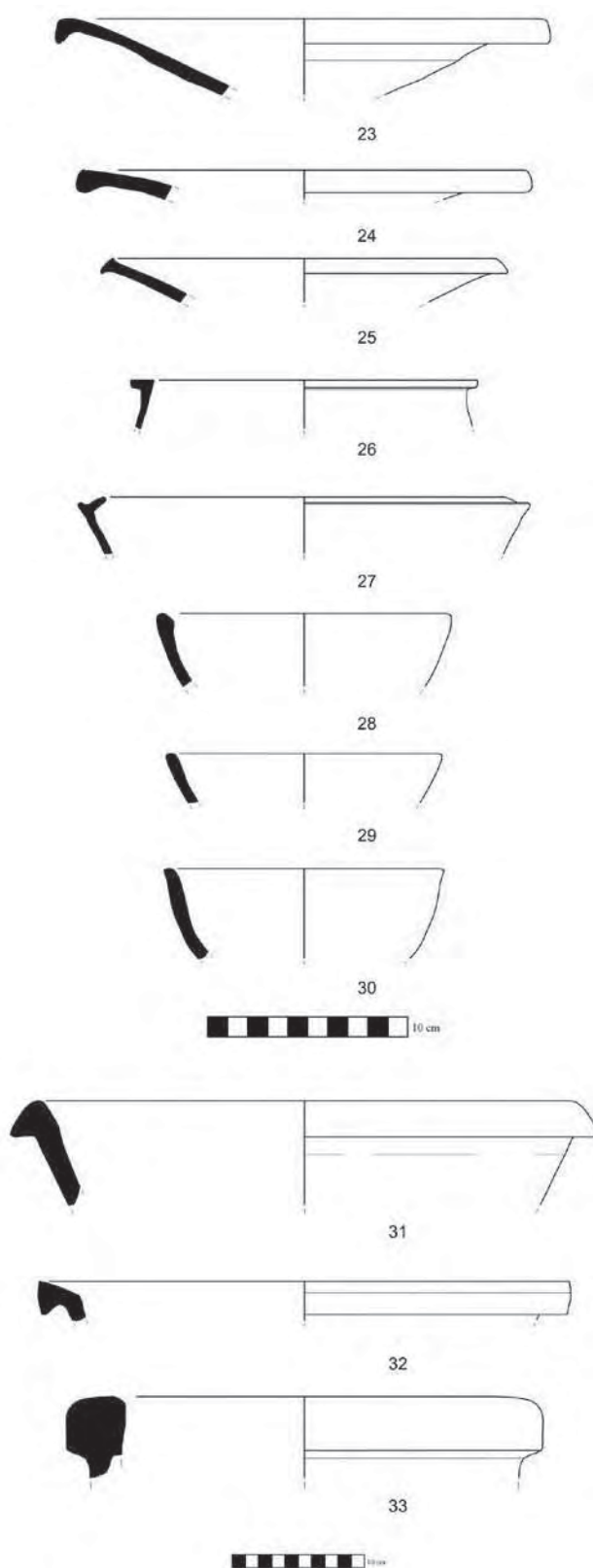


Fig. 32 Cerâmica comum medieval, n.ºs 23 a 27, 31-33 e cerâmica vidrada, n.ºs 28 a 30 da UE [31].

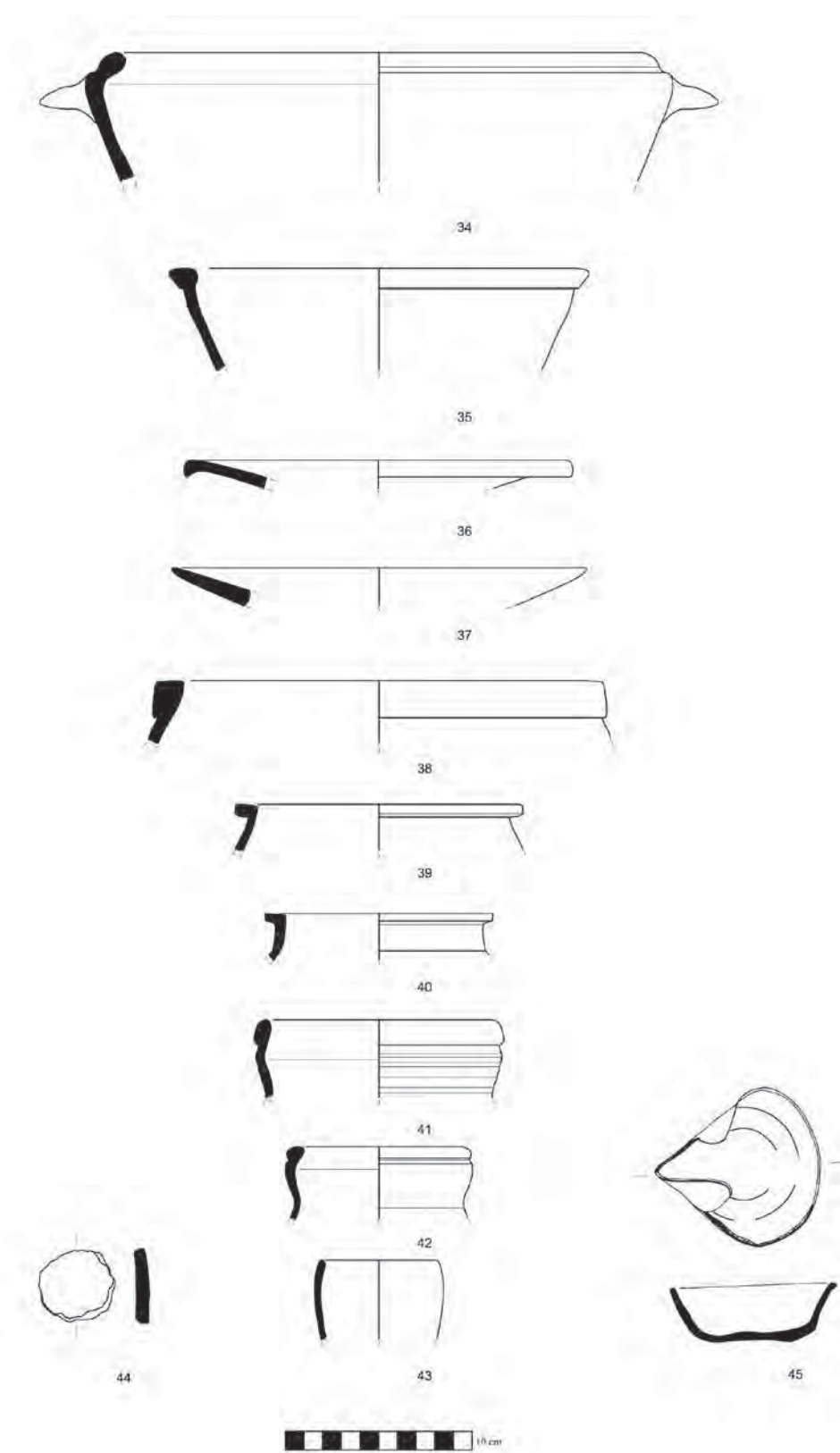


Fig. 33 Cerâmica comum quinhentista da UE [34]. O n.º 37 corresponde a um prato esmaltado a branco.

UE [42], o que restava do seu empedrado, UE [32] assim como a interface de roubo de pedra, UE [31]. Apresenta planta semicircular com 4 m de comprimento e 1,20 m de altura preservada (Fig. 13).

O seu interior estava preenchido pela, UE [34], caracterizando-se pela abundância de fauna de grandes mamíferos, nódulos de carvão e cerâmicas de cariz doméstico que nos levam a interpretar esta estrutura como uma fossa detritica.

O espólio numismático resume-se a um exemplar, provavelmente um ceitil, infelizmente em mau estado de conservação.

O conjunto cerâmico é numeroso e bem preservado. Destaca-se a cerâmica comum, representada por duas candeias medievais, painéis de bordo recto e bordo moldurado, testos com e sem barbeta, tachos de pega em aba, alguidares e pucarinhos engobados (Fig. 33). A cerâmica esmaltada a branco de pasta clara, encontra-se representada por bordos de pratos, fragmentos de uma taça carenada e um fragmento de prato decorado por linhas concêntricas, pintadas de tom azul de cobalto e castanho violáceo sobre o esmalte branco, com bons paralelos de finais do século XV e meados do XVI, no poço-cisterna de Silves (Gomes e Gomes, 1996b, p. 174). Estão ainda documentadas as cerâmicas vidradas, como os alguidares vidrados a verde, e os pratos de vidrado melado e decoração a óxido de manganés.

Uma análise preliminar do espólio exumado permite assim aferir uma cronologia segura de finais do século XV, meados do século XVI para a colmatação desta estrutura.

Fase 4

Embora bastante perturbados, foi possível identificar restos de diversas estruturas pétreas correspondendo aos edifícios aqui existentes até à construção do parque de estacionamento (Figs. 2 e 13). As correlações estratigráficas permitem-nos aferir uma cronologia de construção em meados do século XVIII para esta estrutura.

Fase 5

Atribuímos aos níveis directamente relacionados com os trabalhos de maquinaria, anteriores ao início dos trabalhos arqueológicos e que perturbaram a estratigrafia neste sector, UE [36] a [39] e [41]. Estes níveis correspondem a estratos de revolvimento que perturbaram os contextos pré-existentes.

5.3. Sector 3

Este sector encontrava-se já muito perturbado antes do início dos trabalhos arqueológicos, tendo sido removidos cerca de a 1,50 a 2 m de potência em todo o espaço. Era, no entanto, visível em alguns cortes a existência de estratigrafia e estruturas negativas ainda preservadas.

A limpeza dos cortes preservados e a escavação em área das estruturas mencionadas permitiram verificar a presença de diversos contextos de lixeiras particularmente importantes para o estudo da Vila Franca de Xira no período dos Descobrimentos (Mendes e Pimenta, no prelo).

A par destas realidades, em contexto claramente periférico em relação ao núcleo urbano medieval, detectou-se uma série de estruturas negativas revelando alguma complexidade, atestando uma ocupação rural nas proximidades da antiga estrada romana, possivelmente ainda em funcionamento em meados do século XII.

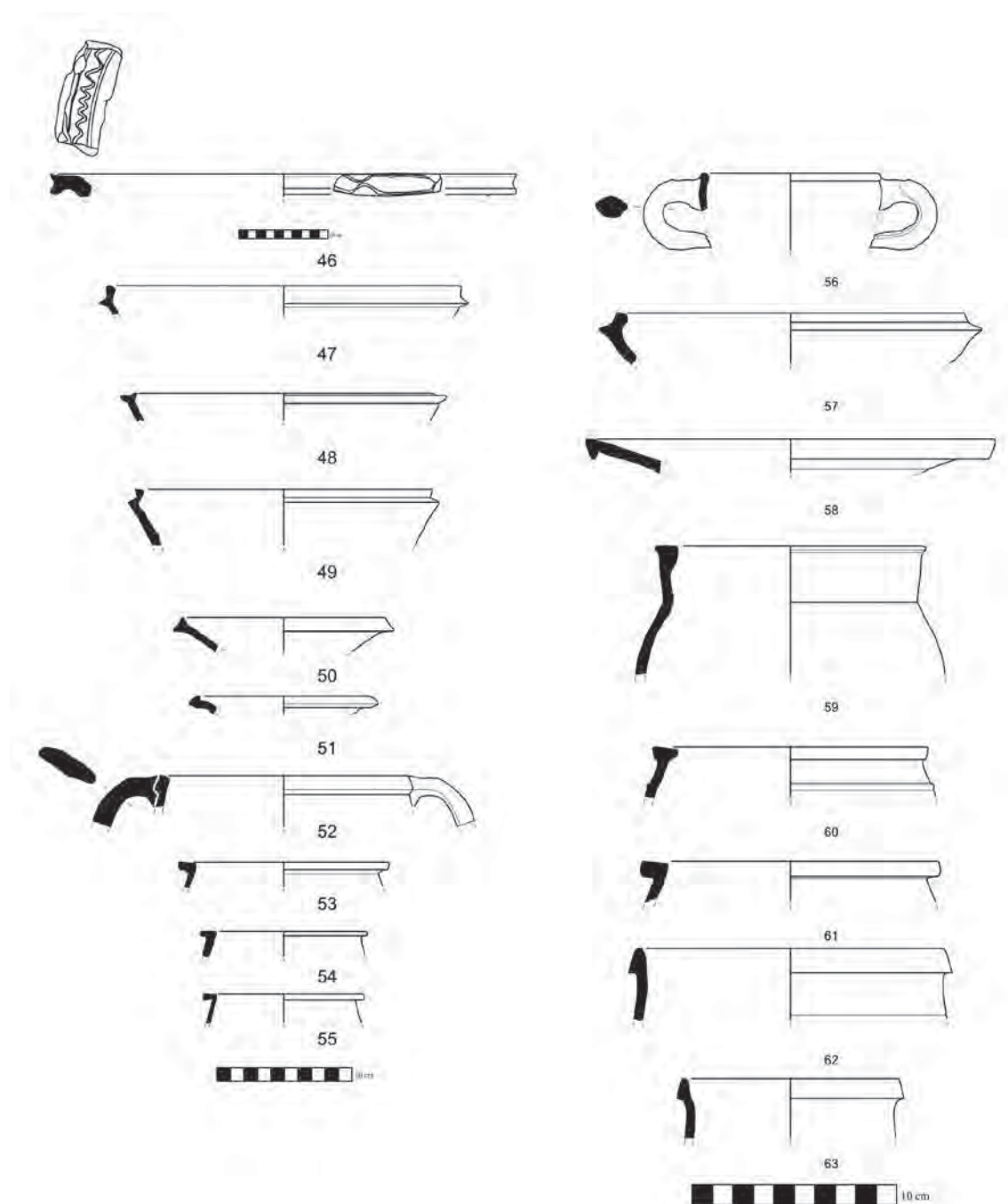


Fig. 34 Cerâmica comum medieval da UE [79] (n.ºs 46 a 55) e UE [81] (n.ºs 56 a 63).

No quadrado D2 (Fig. 13), definiu-se uma estrutura pétrea de contornos arredondados, UE [86]. Apesar de perturbado pela implantação de três pilares de betão, UE [1], a sua limpeza e posterior escavação permitiu verificar tratar-se de um poço de planta arredondada, com cerca de 1 m de diâmetro e 1,50 de altura preservada atingindo os níveis freáticos logo aos 80 cm. A sua estrutura é constituída por pedras calcárias de pequeno e médio calibre. Para a sua construção foi aberta uma vala, UE [85], cortando o substrato geológico e duas estruturas preexistentes, UE [83] e [84].

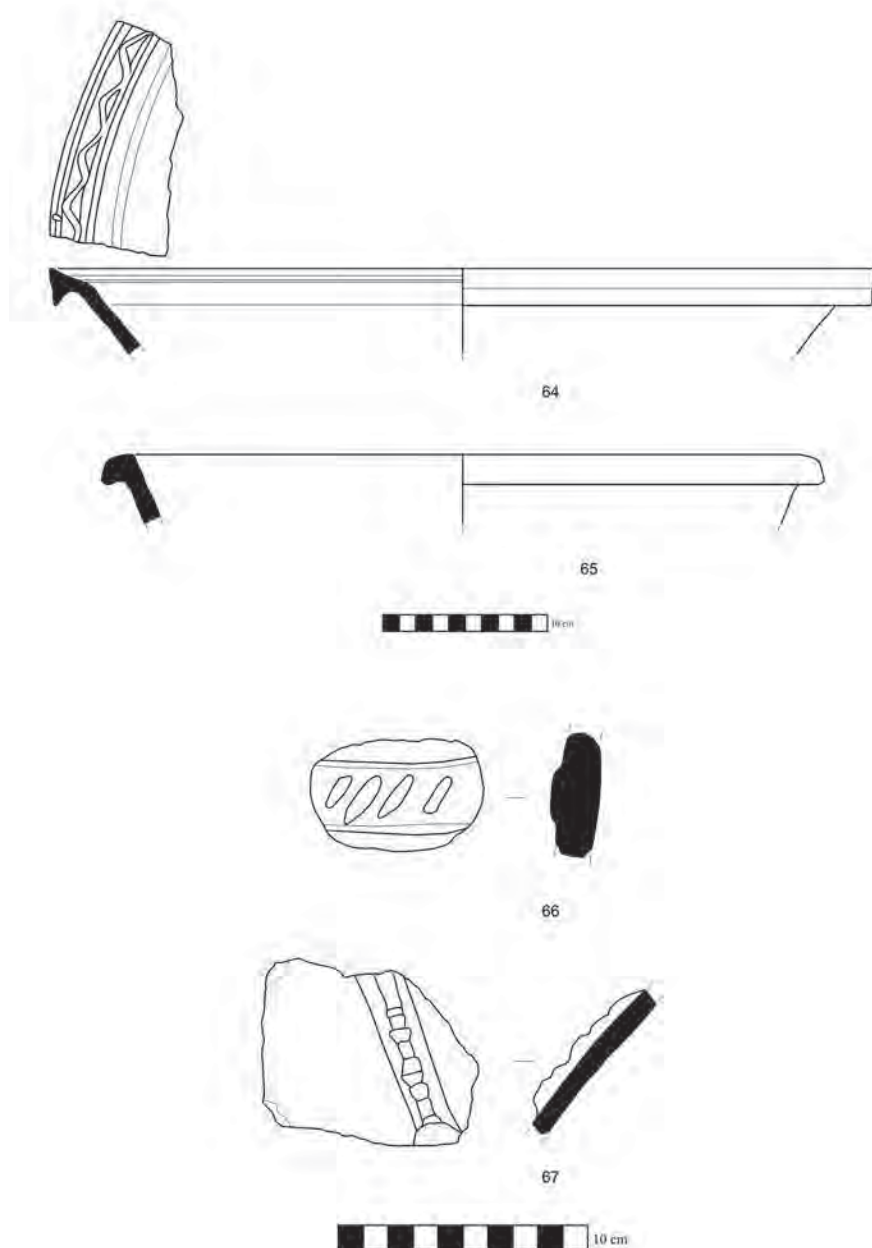


Fig. 35 Cerâmica comum medieval da UE [81].

Sobre esta estrutura e preenchendo o seu interior, foi identificada uma camada homogénea, UE [79] e [81], que corresponde ao seu abandono e inutilização. Esta unidade caracterizava-se por um sedimento argiloso de tom castanho, composto por nódulos de argila, pedras de pequeno e médio calibre, carvões dispersos, ossos e cerâmica comum medieval. O espólio cerâmico, apesar de não muito numeroso, permite propor um abandono deste poço em meados do século XIII, tendo por base as associações dos conjuntos cerâmicos e os seus paralelos em contextos bem datados do vale do Tejo e Sado.

As cerâmicas englobam-se no conjunto das cerâmicas comuns, encontrando-se presentes as panelas de bordo recto e secção subtriangular, testos com barbela, tachos com decoração digitada,

malgas carenadas, bordo de alguidar com decoração incisa e um fragmento de bordo moldurado de cântaro como bons paralelos em contextos medievais em Santarém (Mendes, Pimenta e Valongo, 2002; Trindade e Diogo, 2005); Lisboa (Gaspar e Clementino, 1997; Gomes et al., 2005); Almada (Sabrosa e Santos, 1993; Leal, 2000) e Palmela (Fernandes, 2004; Fernandes e Carvalho, 1995, 1997).

A construção deste poço cortou, como referimos, duas estruturas pré-existentes de difícil interpretação. Trata-se de duas estruturas negativas, UE [83] e [84], abertas no substrato geológico, perfeitamente paralelas.

O espólio é essencialmente cerâmico, sendo constituído por fragmentos de testos com barbel e um bordo de alguidar com decoração digitada. O estudo preliminar deste conjunto não permite uma cronologia muito precisa, remetendo-nos apenas para a época medieval cristã, possivelmente meados dos séculos XII/XIII.

Qual a função destas estruturas negativas é algo para o qual de momento não temos resposta. Numa primeira fase pensávamos poder correlacioná-las com o poço medieval, podendo integrar algum tipo de estrutura de irrigação, no entanto a análise cuidada das correlações estratigráficas inviabilizam essa leitura, atestando claramente estarmos perante estruturas de cronologia anterior à construção do poço, correspondendo à primeira fase de ocupação nesta área. A hipótese de trabalho que agora pensamos seguir é a de podermos estar perante os alicerces de estruturas de madeira. Este tipo de estruturas, ainda que raro entre nós, encontra-se bem atestado no Norte da Europa, com múltiplos exemplos na bibliografia anglo-saxónica. Poderíamos assim estar perante qualquer tipo de estrutura de madeira construído nas imediações da antiga estrada romana, ainda então a funcionar como o principal eixo de ligação do vale do Tejo (Fig. 36).



Fig. 36 Estruturas negativas e poço medieval do quadrado D2/D3.

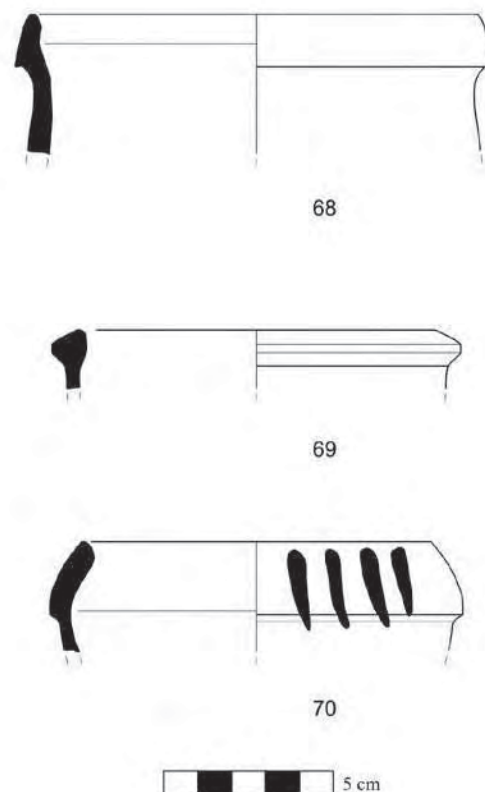


Fig. 37 Cerâmicas islâmicas da UE 63.

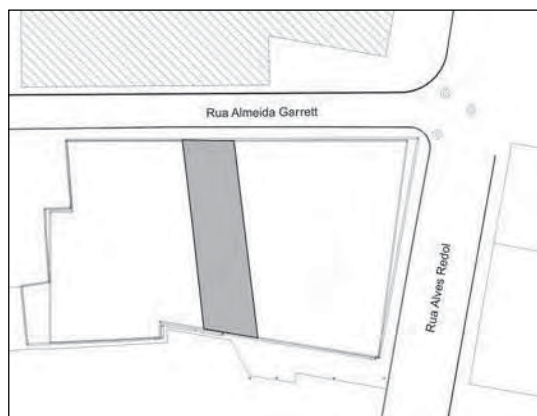


Fig. 38 Planta da área intervencionada com a reconstituição do troço de estrada descoberto.



Fig. 39 Planta de Vila Franca de Xira com reconstituição do trajecto da estrada romana. A branco, localização do núcleo antigo de ocupação medieval.

A par dos materiais de cronologia medieval cristã exumados no abandono destas estruturas, identificou-se um pequeno conjunto de materiais cerâmicos que remetem para cronologia islâmica (Fig. 37), de meados da primeira metade do século XII (Gomes et alli, 2001; Fernandes, 2004). Entre estes destaca-se um característico bocal de cântaro pintado a branco, com bons paralelos no material de meados dos séculos XI/XII de Lisboa. Parece-nos, no entanto, importante sublinhar que estes surgem fora de contexto surgindo já a par de materiais de meados dos séculos XII/XIII. Qual o seu significado, é algo que apenas a continuação dos acompanhamentos de futuras obras e a realização de escavações devidamente planeadas poderá aferir. Embora nos pareça plausível como hipótese de trabalho propor uma ocupação desta época no morro onde se vem a desenvolver a Vila Franca medieval de meados do século XII.

6. Considerações finais

“O número de sondagens efectuadas em restos de estradas seguramente romanas é muito limitado mas é evidente que a maior parte delas foram construídas segundo princípios que estão longe de corresponderem ao modelo que os manuais costumam divulgar.” (Mantas, 1993, p. 454).

Apesar de todas as subtracções de potencial informação previamente efectuadas, a intervenção arqueológica de emergência do edifício do Museu do Neo-Realismo, permitiu obter uma leitura da ocupação humana deste espaço, ainda que com prolongados hiatos, de cerca de 2000 anos.

A primeira fase, corresponde à construção, em meados do século I d.C., de uma imponente estrutura pétrea assente sobre os níveis geológicos de base. Apesar de já muito perturbada, foi possível analisá-la em toda a área intervencionada atravessando transversalmente o edifício no sentido sudoeste nordeste, prolongando-se sob os edifícios limítrofes (Fig. 38).

A leitura em área da estratigrafia associada a esta grande estrutura, revelou-se particularmente interessante, tendo sido possível estudar as suas técnicas de construção, a sua fase de utilização e o progressivo abandono ao longo do tempo.

A análise cuidada dos dados exumados, permitem interpretá-la, como um troço de uma antiga estrada lajeada, delimitada por muros laterais bem construídos e apresentando ainda 5,20 m de largura e 20 m de comprimento (Fig. 13).

Este tipo de construção encontra bons paralelos em diversos troços de estradas romanas na Península Ibérica assim como um pouco por todo o Império (Moreno Gallo, 2004; Adam, 1996). Em relação à largura do tabuleiro da via (5,20 m), os paralelos conhecidos permitem estabelecer que esta varia segundo a importância da mesma (Adam, 1996, p. 303), não existindo medidas standardizadas⁵. Parece-nos relevante, no entanto, sublinhar que a dimensão do troço em análise, permite supor estarmos perante uma via principal, autorizando, face à sua largura, o cruzamento de veículos de rodados.

Na escavação em epígrafe, a par do troço de estrada detectado, identificaram-se dois contextos, que relacionamos com a sua fase de construção e que documentam a presença humana neste espaço em meados do século I d.C. Posteriormente à cronologia destes contextos, surgiram ainda que revolidos em níveis de cronologia medieval, alguns materiais de época romana, atestando a ocupação nas imediações do espaço intervencionado. Entre estes destacam-se um fragmento de bocal de ânfora lusitana, do tipo Almagro 51C e dois fragmentos de placas de revestimento em mármore rosa, com paralelos directos nos revestimentos parietais exumados em monumentos romanos na cidade de Lisboa (Fig. 23, n.º 2).

Para a antiguidade tardia os dados são inexistentes, sendo plausível que a via terá continuado a ser utilizada e possivelmente reparada, como alguns miliários o atestam (Mantas, 1993). Poderá eventualmente corresponder a esta fase, a reparação em terra batida, UE [92], do primitivo pavimento em lajes, que registámos no quadrado A5/A6 e para a qual não dispomos de qualquer elemento datante?

A segunda grande fase de ocupação corresponde ao progressivo abandono da estrada ao longo do tempo. Esse processo ficou bem atestado, tendo sido possível identificar diversos contextos que interpretamos como interfaces de destruição e roubo de pedra. A análise do seu espólio cerâmico e numismático permite-nos aferir uma cronologia segura de inícios do século XV para este processo, fornecendo-nos assim uma cronologia *ante quem* para o seu abandono.

Qual o motivo da inutilização desta imponente estrutura? É algo que ainda não é claro, no entanto, tudo leva a crer que ela é preterida em relação à Rua Direita quinhentista, actual Rua Miguel Bombarda, situada a uma cota superior e que assume já em meados do século XV o papel de “estrada real”. Uma das hipóteses que se nos afiguram mais plausíveis é a de o seu abandono estar correlacionado com alterações do nível do rio, e o facto de esta área ter-se tornado mais alagadiça e consequentemente intransitável.

Situado fora do primitivo núcleo medieval, a área em análise assume um carácter periférico em relação ao aglomerado de Vila Franca até meados do século XVII. Esse carácter encontra-se plasmado na presença de lixeiras domésticas onde a par dos restos alimentares, se descartavam os serviços de mesa e cozinha de barro vermelho, assim como os restos algo sumptuários das loiças importadas do sul peninsulares e as primeiras porcelanas do oriente que atestam o carácter cosmopolita do vale do Tejo no tempo dos descobrimentos.

Esta via era na Antiguidade um dos principais eixos de comunicação terrestre do Extremo Ocidente peninsular, correspondendo a um troço comum em dois dos percursos referidos no Itinerário de Antonino, partindo da cidade de *Felicitas Iulia Olisipo* (Lisboa).

O que ligava à cidade de *Bracara Augusta* (Braga), e o que conduzia à capital provincial *Augusta Emerita* passando os dois por, *Praesidium Iulium Scallabis* (Santarém) (Alarcão, 1988).

Essa ligação privilegiada fez com que esta via constituísse um elo fundamental de ligação comercial, entre o estuário do Tejo o interior peninsular e as terras do Noroeste hispânico, assumindo-se desde cedo como um elemento estruturante do povoamento em toda esta região (Guerra, Blot e Quaresma, 2000).

No actual concelho de Vila Franca de Xira, é observável esta interligação entre a antiga via romana, posteriormente transformada em Estrada Real, e os principais núcleos habitacionais que vêm a erguer-se ao longo do tempo sobre este itinerário terrestre, mas sem se esquecerem do seu contacto incontornável com o rio.

Saindo da cidade romana de *Olisipo*, são conhecidos dois ramais viários.

Um paralelo ao rio saindo pela porta de Alfama viria por Xabregas, Sacavém e Póvoa de Santa Iria. Onde aliás são conhecidos diversos vestígios romanos nunca devidamente investigados, na Quinta de Santo António de Bolonha, assim como uma importante epigrafe funerária descoberta fora de contexto (Almeida, 1972).

O outro caminho partia pelo lado norte, onde foi recentemente identificado em escavações na Praça da Figueira⁶, seguindo pelos campos de Alvalade, Calçada de Carriche, vale de Loures, São Julião do Tojal e atravessando Vialonga (Saa, 1959, p. 35-36). Como o próprio topónimo indica, *Via Longa*, estrada extensa, atesta a importância deste troço que desde cedo marcou a ocupação humana deste vale. A sua apetência agrícola terá sido aproveitada nesta época, sendo quase certa a existência de *villae*, como parecem atestar os achados de mosaicos romanos e moedas, em local incerto da Vila (Parreira, 1985, p. 46).

Os dois ramais viários que em época romana permitiam sair do *municipium civium Romanorum* junto à foz do rio Tejo, uniam-se nas imediações de Alverca do Ribatejo. A passagem desta via encontra-se bem atestada, pela descoberta no antigo Açougue da Vila (perto do castelo) de um marco miliário do Imperador Constâncio Cloro (305-306 d.C.), indicando a milha XXIII (*CIL* II 4632).

As escavações levadas a cabo até ao momento na área do Castelo revelaram os primeiros dados sobre esta ocupação (Fig. 42). Ainda que apenas se tenham identificado estruturas negativas, fora de contexto exumaram-se tesselas, atestando a presença de pavimentos musivos, assim como fragmentos de placas de mármore de lioz rosa que deixam antever a presença de estruturas de alguma monumentalidade (Parreira, 1987-1988a; Pimenta e Mendes, 2007a).

A estrada seguia por Alhandra, onde se vem a erguer uma fortificação de atalaia em época medieval, e atravessava transversalmente a actual cidade de Vila Franca de Xira.

O lugar onde se vem a erguer a Vila Franca medieval encontra-se directamente correlacionado com a existência desta antiga estrada, e a necessidade de povoamento durante o conturbado período da reconquista (Lucas, 2003).

Embora os primeiros indícios sobre a presença romana no subsolo da cidade de Vila Franca de Xira, datem já de finais do século XIX, quando na área da Quinta do Borrecho foram detectados “Ruínas de edifícios e tijolos” (Parreira, 1987-1988b, p. 103), foi necessário aguardar pelo século XXI para que novas intervenções viessem trazer nova luz sobre estes dados (Fig. 39).

Os recentes trabalhos que temos vindo a realizar em diversos pontos da cidade, ainda que incipientes, começam já a deixar entrever a existência de um primitivo núcleo habitacional de alguma importância (Fig. 39), assim como um claro aproveitamento agrícola dos férteis vales de penetração para o interior, como parece suceder no Vale da Ribeira de Santa Sofia, logo a partir do século I d.C.⁷ (Pimenta e Mendes, 2007b).

Já em data posterior à escavação do Museu do Neo-Realismo, efectuámos uma intervenção de emergência na Travessa do Mercado, nas imediações da “estrada real”. Aí foi possível identificar a presença de uma significativa ocupação de época romana centrada entre o século I e III d.C. (Fig. 40) (Pimenta e Mendes, no prelo, 2006a)

Saindo de Vila Franca, a estrada seguia em direcção à antiga cede de concelho de Povos. Aqui encontra-se atestada uma bem conhecida ocupação de época romana no sítio da escola Velha (Parreira, 1986; Calais, 1995-1997; Guerra, Blot e Quaresma, 2000).

Diversas campanhas de escavação aqui realizadas pelo Museu Municipal, permitiram caracterizar uma possível *villa* com uma longa ocupação desde inícios do século I a V d.C. O estudo dos conjuntos de artefactos aqui exumados permitem atestar o dinamismo económico do porto de Povos em época romana.

Na Antiguidade Tardia, esta ocupação parece ter-se deslocado para o sítio do Senhor da Boa Morte, onde se vem a desenvolver um castelo islâmico, directamente correlacionado com funções defensivas de controlo da própria estrada (Calais, 1995-1997).

De Povos a estrada seguia junto à borda de água para Castanheira do Ribatejo. Nesta localidade é desde à longa data conhecido um importante e ímpar sarcófago romano de mármore (Souza, 1990). Recentemente na sequência de trabalhos da EPAL, realizaram-se escavações na área do Bairro Gulbenkian tendo-se confirmado a presença de uma *villa* no local⁸.

A estrada atravessava Castanheira, em direcção ao antigo esteiro da Marinha, actual Vala do Carregado nos limites do concelho, seguindo depois por Alenquer (*Ierabriga?*) em direcção a *Scallabis* (Santarém) (Alarcão, 1988).

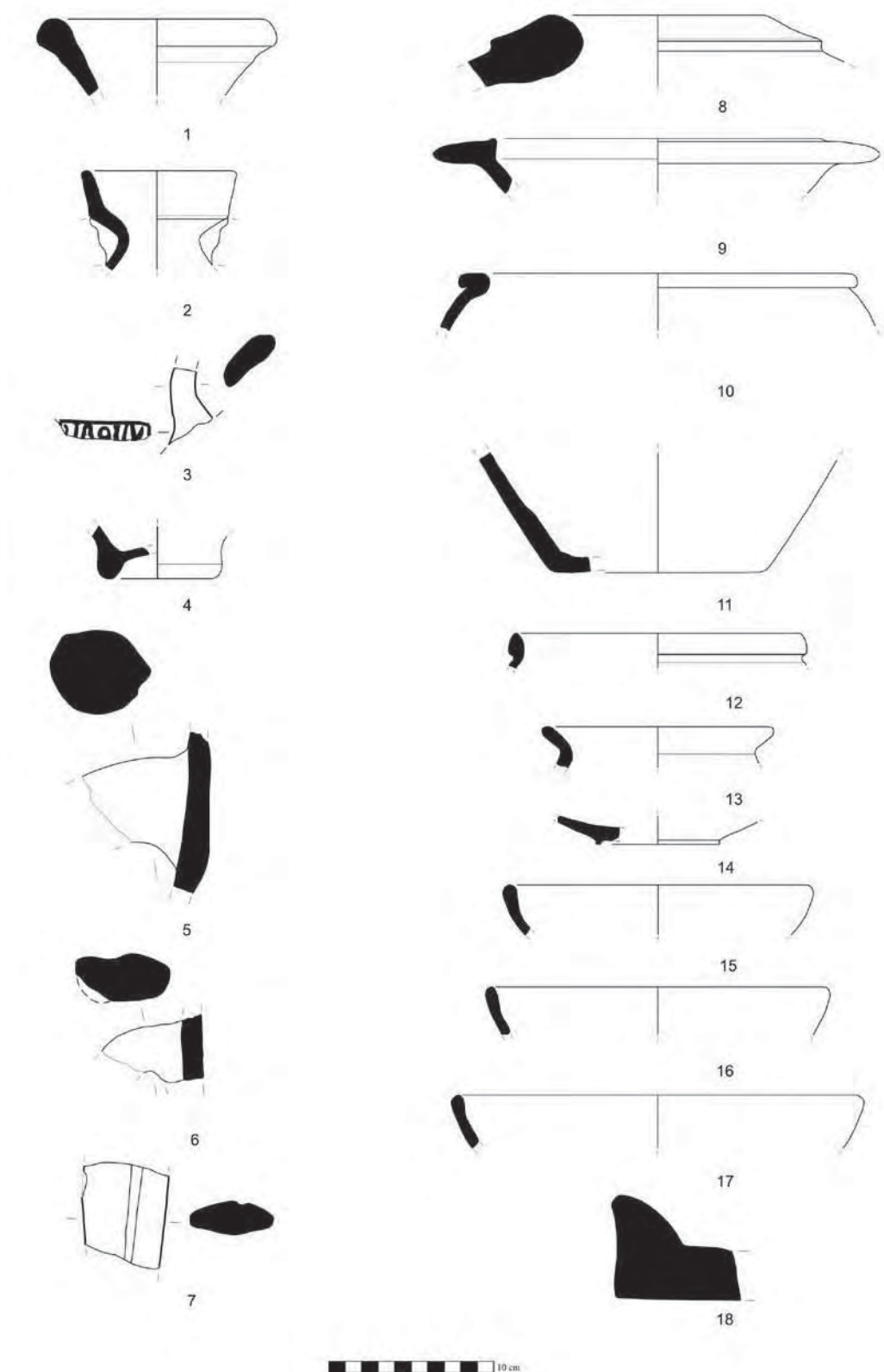


Fig. 40 Materiais romanos da Travessa do Mercado (Vila Franca de Xira – Pimenta e Mendes, 2006). 1 – Ânfora Dressel 7/11 bética; 2-4 – Ânfora lusitana 3; 5 – Ânfora Dressel 20 do vale do Guadalquivir; 6 – Asa de ânfora Dressel 14; 7 – Asa de ânfora lusitana 3; 9-14 – Cerâmica comum; 15 – *Terra sigillata* clara A; 15-17 – Cerâmica comum; 18 – Tégula.

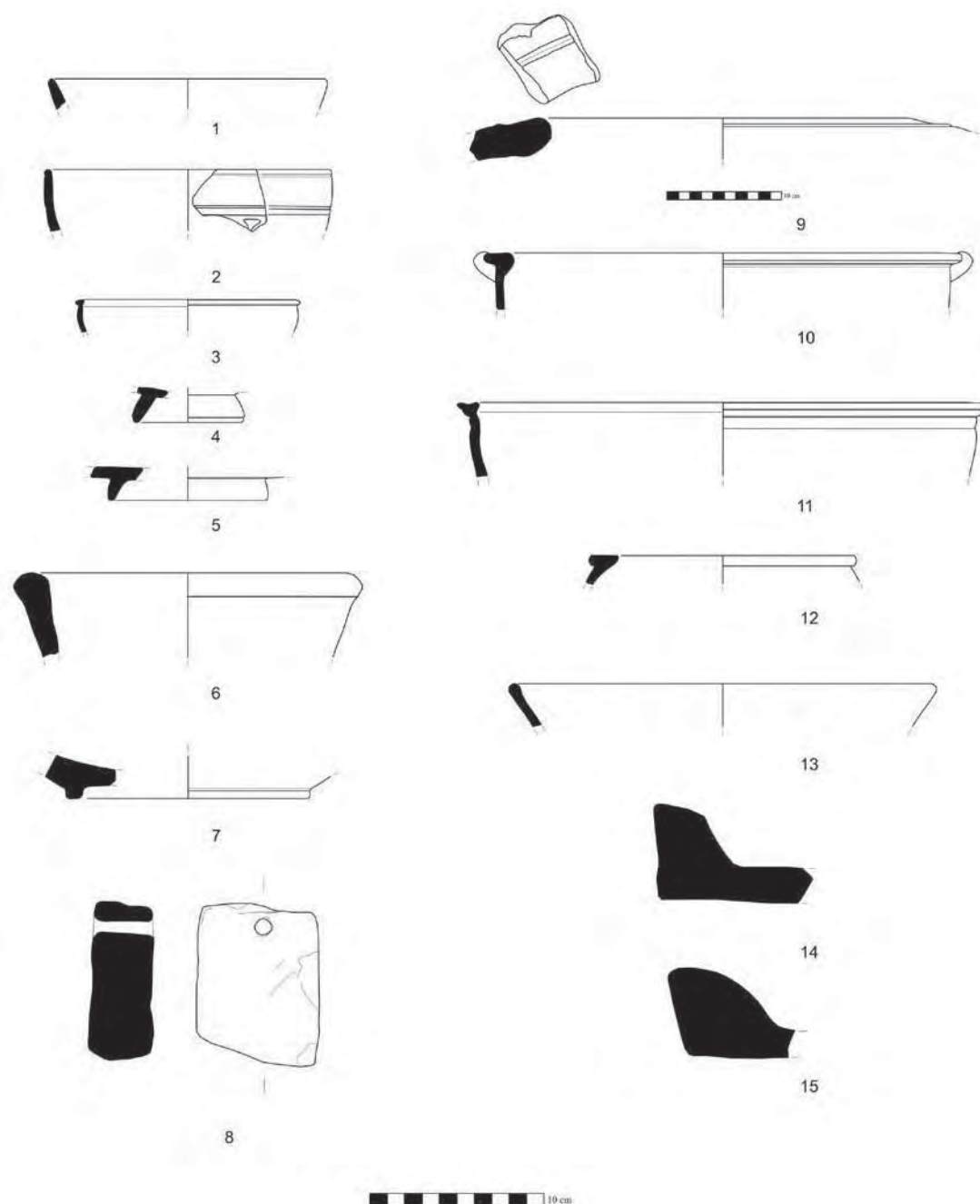


Fig. 41 Materiais romanos do Vale da Ribeira de Santa Sofia (Vila Franca de Xira). 1 a 5 – *Terra sigillata* sud-gálica e hispânica; 6 – Bocal de ânfora lusitana da forma Dressel 14; 7 – Fundo de almofariz bético; 8 – Peso de tear; 9-13 – Cerâmica comum romana do vale do Tejo; 14-15 – Tégulas.

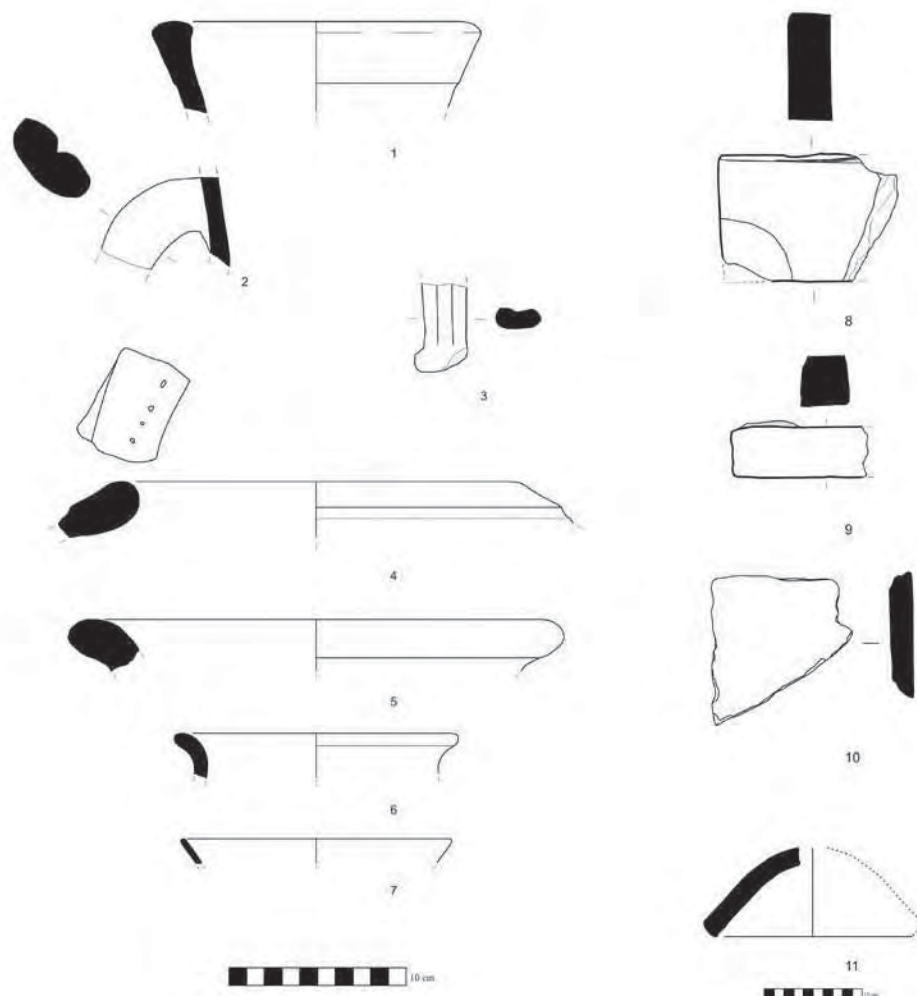


Fig. 42 Materiais romanos do Castelo de Alverca. 1-2 – Ânfora Lusitana de forma Dressel 14; 3-7 – Cerâmica comum do vale do Tejo; 8-9 – Cerâmica de construção; 10 – Placa de mármore de revestimento; 11 – Cerâmica de construção.

NOTAS

- ¹ Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.
- ² Embora o seu espólio cerâmico se encontre muito fragmentado, o seu estudo permite verificar a presença de abundante cerâmica comum quinhentista (Painéis, testos com e sem barbelas, alguidares), cerâmica esmaltada a branco de pasta clara, e um fragmento de bordo de prato decorado por linhas concêntricas, pintadas de tom azul de cobalto e castanho violáceo sobre o esmalte branco, com bons paralelos de finais do século XV meados do XVI, no Poço cisterna de Silves (Gomes e Gomes, 1996b, p. 174).
- ³ Aquilo que viemos a designar como Sector 2, corresponde à parte central do edifício. Esta denominação é resultado do estado do subsolo da área a intervir quando do início dos trabalhos de arqueologia e da necessidade de calendarizar prioridades de acordo com a evolução da execução do projecto de engenharia, ainda em curso.
- ⁴ O exemplar mais bem preservado apresenta 80 cm por 40 cm e cerca 15 cm de espessura.
- ⁵ A medida do tabuleiro da estrada do Museu do Neo-Realismo coincide precisamente com a largura da *Via Flaminia* em Itália (Adam, 1996, pág. 303).
- ⁶ Escavações dirigidas pelo Dr. Rodrigo Banha da Silva, a quem agradecemos a informação.
- ⁷ Recentes trabalhos arqueológicos que temos vindo a desenvolver, no Vale de Santa Sofia atestam a ocupação humana desde a Idade do Bronze Final. Este aglomerado recebe as primeiras influências do mundo fenício logo em meados do século VIII/VII a.C. A partir de meados do século I d.C., detectamos diferentes núcleos espalhados pelo vale que parecem corresponder a pequenos núcleos rurais de exploração agro-pastoril.
- ⁸ Agradecemos a informação ao Dr. Mário Monteiro e à Dra. Maria Luísa Santos.

BIBLIOGRAFIA

- ADAM, J.-P. (1996) - *La construcción romana, materiales y técnicas*. León: Editorial de los Oficios.
- ALARCÃO, J. (1988) - *O domínio romano em Portugal*. Mem Martins: Europa-América.
- ALARCÃO, J. (1990) - O domínio romano. In SERRÃO, J.; MARQUES, A. H. de O., eds. - *Nova História de Portugal*. Lisboa: Presença, p. 342-441.
- ALMEIDA, F. de (1972) - Inscrições romanas e moeda visigótica no Museu Municipal de Vila Franca de Xira. In 25.º *Aniversário da Biblioteca Museu Municipal Dr. Vidal Baptista. Boletim Comemorativo*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal, p. 151-152.
- BANHA, C. M. S. (1991-1992) - As ânforas da *villa* romana de Povos. *Boletim Cultural*. Vila Franca de Xira. 5, p. 50-90.
- BANHA, C. M. S. (1995-1997) - As cerâmicas do Alto Senhor da Boa Morte (Povos): estudo preliminar. *Boletim Cultural*. Vila Franca de Xira. 7, p. 75-109.
- BARKER, P. (1986) - *Understanding archaeological excavation*. London: Batsford.
- CALAIS, C. (1995-1997) - Outeiro de Povos: resultado preliminar das primeiras intervenções arqueológicas. *Boletim Cultural*. Vila Franca de Xira. 7, p. 47-74.
- CAMACHO, C. (1994) - A região de Vila Franca de Xira no tempo dos Descobrimentos. In *Histórias do Tejo*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal, p. 25-41.
- CAMACHO, C.; CALAIS, C.; NUNES, G. (1996) - A presença romana no concelho de Vila Franca de Xira: investigar, divulgar e animar. In *Actas das Primeiras Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado*. Lisboa: Dom Quixote, p. 179-191.
- CARDOSO, G., RODRIGUES, S. (1999) - Tipologia e cronologia de cerâmicas dos séculos XVI, XVII e XIX encontradas em Cascais. *Arqueologia Medieval*. Porto. 6, p. 193-212.
- CATARINO, H. (2000) - O Castelo de Povos (Apontamentos sobre o período Islâmico em Vila Franca de Xira). In *Vila Franca de Xira, tempos do rio, ecos da terra*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal, p. 43-51.
- DIOGO, A. M. D., TRINDADE, L. (2000) - Cerâmicas de barro vermelho, encontradas em entulhos do terramoto de 1531, na intervenção arqueológica da Rua dos Correeiros, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:2, p. 201-235.
- FABIÃO, C. (1992) - A romanização do actual território português. In MATTOSO, J., ed. - *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores. Vol. I, p. 202-299.
- FABIÃO, C. (1996) - Sobre a tipologia das ânforas da Lusitânia. In *Actas das primeiras jornadas sobre romanização dos estuários do Tejo e do Sado*. Lisboa: Dom Quixote, p. 372-390.
- FERNANDES, I. C. (2004) - *O Castelo de Palmela do Islâmico ao Cristão*. Lisboa: Edições Colibri; Câmara Municipal de Palmela.
- FERNANDES, I. C.; CARVALHO, A. R. (1995) - Cerâmicas baixo-medievais da casa n.º 4 da Rua do Castelo (Palmela). In *Actas das I Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, Tondela – 1992*. Tondela: Câmara Municipal, p. 77-96.
- FERNANDES, I. C.; CARVALHO, A. R. (1997) - Abordagem arqueológica da Palmela medieval cristã. *Arqueologia Medieval*. Porto. 5, p. 221-241.
- FERNANDES, I. C.; CARVALHO, A. R. (1998) - Conjuntos cerâmicos pós-medievais de Palmela. In *Actas das 2ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: Câmara Municipal, p. 211-255.
- GASPAR, A.; AMARO, C. (1997) - Cerâmicas dos séculos XIII-XV da cidade de Lisboa. In *La céramique médiévale en Méditerranée. Actes du VI^e Congrès de l'AIECM*. Aix-en-Provence: Narration Éditions, p. 337-345.
- GOMES, A.; GASPAR, A.; PIMENTA, J.; VALONGO, A.; PINTO, P.; MENDES, H.; RIBEIRO, S.; GUERRA, S. (2001) - A cerâmica pintada de época medieval da Alcáçova do Castelo de São Jorge. In *Garb - Sítios islâmicos do Sul peninsular*. Lisboa: IPPAR; Badajoz: Junta de Extremadura, p. 119-164.
- GOMES, A.; GASPAR, A.; GUERRA, S.; MENDES, H.; RIBEIRO, S.; PINTO, P.; VALONGO, A.; PIMENTA, J. (2005) - Cerâmicas medievais de Lisboa - Continuidades e rupturas. In BARROCA, M. J.; FERNANDES, I. C., eds. - *Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (séculos VIII e XIII)*. Palmela: Câmara Municipal; Porto: Universidade, p. 221-236.
- GOMES, M. V.; GOMES, R. V.; CARDOSO, J. L. (1996) - Aspectos do quotidiano numa casa de Silves, durante o século XV. *Xelb*. Silves. 3, p. 33-78.
- GOMES, M. V.; GOMES, R. V. (1996) - Cerâmicas vidradas e esmaltadas, dos séculos XIV, XV e XVI, do poço-cisterna de Silves. *Xelb*. Silves. 3, p. 143-205.
- GOMES, M. V., GOMES, R. V. (1998) - Cerâmicas, dos séculos XV a XVII, da Praça Cristóvão Colombo no Funchal. In *Actas das 2ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: Câmara Municipal, p. 315-348.
- GUERRA, A. (1995-1997) - A respeito do nome de Vila Franca de Xira. *Boletim Cultural*. Vila Franca de Xira. 7, p. 155-165.
- GUERRA, A.; BLOT, M. L.; QUARESMA, J. C. (2000) - Para o enquadramento do sítio de Povos, um estabelecimento romano do curso inferior do Tejo. In *Catálogo da Exposição. Senhor da Boa Morte: mitos, história e devoção*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal, p. 29-42.
- HARRIS, E. C. (1989) - *Principles of archaeological stratigraphy. 2nd edition*. London; San Diego: Academic Press.
- LEAL, V. O. (2000) - Rua da Judiaria (Almada): o espólio do Silo 7. *Al-madan*. Almada. 2.ª Série. 9, p. 202-205.

- LUCAS, M. M. (2003) - Vila Franca de Xira: história, urbanismo e identidade. In *Vila Franca de Xira, Tempos do rio, ecos da terra*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal, p. 99-116.
- MANTAS, V. G. (1993) - A rede viária romana do território português. In MEDINA, J., ed. - *História de Portugal*. Lisboa: Ediclube. Vol. II, p. 313-230.
- MANTAS, V. G. (2000) - A rede viária romana e medieval da região de Torres Vedras. In *Actas de História Medieval Torres Veteras I*. Torres Vedras: Câmara Municipal, p. 11-24.
- MATOS, J. L. de (1971) - Notícia de uma colecção de cerâmica medieval do Museu Hipólito Cabaço de Alenquer. In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Vol. II, p. 571-576.
- MENDES, H.; PIMENTA, J. (no prelo) - Uma colecção de púcaros quinhentistas de Vila Franca de Xira. In *Actas dos VI Encontro de Olaria Tradicional de Matosinhos. Realizada a 5 de Junho de 2004*. Matosinhos: Câmara Municipal.
- MENDES, H.; PIMENTA, J.; VALONGO, A. (2002) - Cerâmicas medievais provenientes da escavação da Travessa da Lameira n.º 21 Centro Histórico de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:1, p. 259-276.
- MORENO GALLO, I. (2004) - *Vías romanas: ingeniería y técnica constructiva*. Madrid: Ministerio de Fomento, Dirección General de Carreteras.
- PARREIRA, R. (1985) - Inventário do património arqueológico e construído do concelho de Vila Franca de Xira: notícia da parcela 403-8. *Boletim Cultural*. Vila Franca de Xira. 1, p. 107-120.
- PARREIRA, R. (1986a) - Povos (Escola Velha), Vila Franca de Xira: relatório dos trabalhos arqueológicos de campo realizados em 1985. *Boletim Cultural*. Vila Franca de Xira. 2, p. 101-110.
- PARREIRA, R. (1986b) - Inventário do património arqueológico e construído do concelho de Vila Franca de Xira: notícia da parcela 404-1. *Boletim Cultural*. Vila Franca de Xira. 2, p. 73-81.
- PARREIRA (1987-1988a) - Intervenção arqueológica no centro histórico de Alverca do Ribatejo, 1986: relatório sucinto dos trabalhos realizados. *Boletim Cultural*. Vila Franca de Xira. 3, p. 89-94.
- PARREIRA (1987-1988b) - Inventário do Património Arqueológico e construído do concelho de Vila Franca de Xira: notícia da parcela 390-6. *Boletim Cultural*. Vila Franca de Xira. 3, p. 96-105.
- PARREIRA, R. (1990) - Inventário do património arqueológico e construído de Vila Franca de Xira: notícia da parcela 390-2. *Boletim Cultural*. Vila Franca de Xira. 4, p. 77-91.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2006a) - *Travessa do Mercado, Vila Franca de Xira. Relatório dos trabalhos arqueológicos*. Município de Vila Franca de Xira, Divisão de Património e Museus.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2006b) - *Museu do Neo-Realismo, Vila Franca de Xira. Relatório dos trabalhos arqueológicos*. Município de Vila Franca de Xira, Divisão de Património e Museus.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2006c) - Ocupação romana no subsolo da Travessa do Mercado (Vila Franca de Xira). *Al-madan*. Almada. 2.ª Série. 14. Adenda electrónica, VI, p. 1-6.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2007a) - *Relatório da escavação e acompanhamento arqueológico no Castelo de Alverca do Ribatejo (Vila Franca de Xira)*. Município de Vila Franca de Xira, Divisão de Património e Museus.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2007b) - *Relatório do acompanhamento e escavação arqueológica do Vale da Ribeira de Santa Sofia (Vila Franca de Xira)*. Município de Vila Franca de Xira, Divisão de Património e Museus.
- PINTO, M. P.; FERREIRA, M. M. (2001) - Os materiais datantes da Ermida do Mártir Santo (Vila Franca de Xira). *Era Arqueologia*. Lisboa. 3, p. 74-87.
- QUARESMA, J. C. (2005) - Ânforas romanas provenientes da pesca de arrasto no Tejo, depositadas no Museu Municipal de Vila Franca de Xira. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, p. 403-428.
- SAA, M. (1959) - *As grandes vias da Lusitânia: o Itinerário de Antonino Pio*, 2. Lisboa: Sociedade Astória.
- SAA, M. (1967) - *As grandes vias da Lusitânia: o Itinerário de Antonino Pio*, 6: *as vias imperiais de Lisboa a Mérida: revisão e conclusão*. Lisboa: Sociedade Astória.
- SABROSA, A. (1994) - Cerâmicas quinhentistas do Palácio Pragana. *Al-madan*. Almada. 2.ª Série. 3, p. 38-44.
- SABROSA, A.; ESPÍRITO-SANTO, P. (1992) - Almada medieval/moderna: um projecto de investigação. *Al-madan*. Almada. 2.ª Série. 1, p. 5-12.
- SABROSA, A.; SANTOS, V. M. (1993) - Cerâmica comum de silos medievais, Rua Henrique Nogueira - Almada. *Al-madan*. Almada. 2.ª Série. 2, p. 116-122.
- SILVA, R. B.; GUINOTE, P. (1998) - *O quotidiano na Lisboa dos Descobrimentos: roteiro arqueológico e documental dos espaços e objectos*. Lisboa: Ministério da Educação.
- SOUZA, V de (1990) - *Corpus Signorum Imperii Romani: Portugal (CSIR)*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras/Association Internationale d'Archéologie Classique.
- TORRES C. (1990) - Um forno de cerâmica dos séculos XV e XVI na cintura industrial de Lisboa. In *Fours de potiers et "testares" médiévaux en Méditerranée Occidentale*. Madrid: Casa de Velázquez, p. 131-141.
- TRINDADE, L.; DIOGO, A. M. D. (2005) - Cerâmicas de um silo da Alcáçova de Santarém. In *Actas das 3.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: Câmara Municipal, p. 145-150.